

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BÁRBARA CURAK ROSA

Parque Madureira: projetos de cidade, vivências de bairro.

NITERÓI

2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

R788 Rosa, Bárbara Curak.

Parque Madureira: projetos de cidade, vivências de bairro /
Bárbara Curak Rosa. – 2016.

105 f. ; il.

Orientadora: Alessandra Siqueira Barreto.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento
de Antropologia, 2016.

Bibliografia: f. 95-101.

1. Cidades. 2. Planejamento estratégico. 3. Parque Madureira (Rio
de Janeiro, RJ). 4. Antropologia urbana. I. Barreto, Alessandra
Siqueira. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências
Humanas e Filosofia. III. Título.

BÁRBARA CURAK ROSA

Parque Madureira: projetos de cidade, vivências de bairro.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Antropologia.

Orientadora

Prof^ª Dr^ª Alessandra Siqueira Barreto

NITERÓI

2016

BÁRBARA CURAK ROSA

Parque Madureira: projetos de cidade, vivências de bairro.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Antropologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr.^a. Alessandra Siqueira Barreto (PPGA/ UFF) – Orientadora

Prof^o Dr. Nilton Silva dos Santos (PPGA/UFF)

Prof^o Dr.^a. Fernanda Delvalhas Piccolo (IFRJ)

Prof^ª Dr.^a. Vanessa Andrade Pereira (UNIFESP)

Prof^ª Dr.^a. Lívia Di Tommasi (PPCult/UFF)

NITERÓI

2016

Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA/UFF), aos professores e funcionários pela acolhida e por todo conhecimento compartilhado.

Agradeço ao professor Nilton Santos pelos conselhos que muito contribuíram para aprofundar o debate sobre processos de intervenção urbana que procuro trazer para esta dissertação. À professora Lívia, que acompanha minha trajetória acadêmica de perto desde a graduação, orientando-me e contribuindo para minha formação. À professora Fernanda que gentilmente aceitou participar desta banca e contribuir para a conclusão dessa dissertação.

Na caminhada profissional nem tudo são flores e com certeza algumas pessoas tornam o processo bem mais fácil. Meu agradecimento vai para os que estão comigo, os que com a amizade e a conversa me fizeram chegar aonde estou.

Agradeço à minha orientadora Alessandra Barreto, profissional dedicada e pessoa generosa. Agradeço pelas conversas desde a graduação, por toda ajuda ao longo desses dois anos e pela paciência e cuidado que sempre teve comigo e com meu trabalho.

Agradeço aos meus pais, pessoas interessadas em tudo que diz respeito à minha formação profissional, eles são com certeza a mola que me impulsionou até aqui. Agradeço também aos meus familiares por todo amor e carinho.

Agradeço aos amigos da UFF, que contribuíram para minha formação profissional e pessoal, na verdade os aspectos mais sensíveis dessa relação são os que fazem as conversas serem tão produtivas.

Agradeço aos amigos de fora da UFF. Com vocês aprendo todo dia que fora da academia existe uma vida que deve ser bem vivida, com pessoas maravilhosas.

Por fim, agradeço aos meus interlocutores pelas conversas. Vocês são a alma do trabalho.

Resumo

A cidade do Rio de Janeiro passou por uma série de mudanças nos últimos anos para receber os Jogos Olímpicos, atraindo a atenção e o investimento de grandes empresas. Para preparar a “cidade ideal”, dentro dos moldes do Planejamento Estratégico, muitas mudanças foram feitas. Equipamentos urbanos foram criados em detrimento de espaços já consolidados, como moradias. Assim, apesar de um processo pautado muito mais nos interesses empresariais do que nos da população, obras como a construção do Parque Madureira ofereceram novas possibilidades no que se refere à sociabilidade local. Constituído como um projeto urbano que depende do controle e da ordem para assegurar o “bom convívio” dos usuários, estes encontram maneiras para apropriar e ressignificar o espaço. Por meio da etnografia do Parque Madureira, esta dissertação apresenta o processo de criação e os usos do Parque como *território lúdico*, demonstrando como as relações no Parque são tecidas cotidianamente e as maneiras que os sujeitos encontram de fazê-las dentro das regras estabelecidas pela administração local, assim como fora delas.

Palavras-chave: Cidade; Território lúdico; Planejamento Estratégico; Parque Madureira; Etnografia Urbana.

Abstract

The city of Rio de Janeiro has undergone a number of changes in recent years to host the Olympic Games, attracting attention and investment of large companies. To prepare the ideal city, along the lines of strategic planning, many changes were made. Urban equipment were created over the areas previously established as dwellings, for example. Thus, although a guided process much in business interests than in the population works such as Madureira Park offered new possibilities in regard to the sociability. Constituted as an urban project that depends on the control and order to ensure the "good living" users, they find ways to appropriate and reframe the space. Through the Madureira Park ethnography, this paper presents the process of creation and uses the park as a recreational area, demonstrating how the links in the Park are woven daily and the ways that the subjects are doing it within the rules established by management site, and out of them.

Keywords: City; Playful Territory; Strategic Planning; Madureira Park; Urban Ethnography.

Sumário

Sumário	9
Introdução Percursos para uma definição do campo.....	10
Metodologia.....	14
Capítulo 1 Cidades.....	19
1.1.O direito à cidade	23
1.2. Projetos de cidade.....	24
Capítulo 2 Transformações Urbanas e Representações em Madureira.....	29
2.2. Descobrindo Madureira: representações sociais, práticas e redes no bairro.....	36
Capítulo 3 Etnografando o Parque Madureira.....	43
3.1 O Projeto do Parque: entre planejamento estratégico e território lúdico.....	43
3.2 Praças ou Parques: Táticas e estratégias de uso e apropriação do Parque Madureira	58
Considerações Finais Cidades globais, cidades acolhedoras. Mas para quem?.....	90
Referência Bibliográfica	96
Anexos.....	103
Anexo 1 – Certificado de “carioquice”.....	103
Anexo 2 – Mapa geográfico	104
Anexo 3 - Subúrbio	104
Fotos	105
Foto 1 – Quadra da Escola de Samba Império Serrano	105
Foto 2 – O Parque Madureira visto do alto	105
Foto 3 – Um casa desabou e outras duas demolidas (comunidade Vila das Torres).....	106
Foto 4 – Entrada do Parque Madureira ao lado do recém-construído edifício “Parque Madureira”, um dos dois edifícios construídos após a construção do Parque.....	106

Introdução | Percursos para uma definição do campo

Meu interesse pela antropologia urbana nasceu de encontros e descobertas num processo que venho seguindo desde a graduação. Em meados da faculdade, comecei a me interessar pelo universo escolar e textos sobre educação. Participei de projetos, fiz estágios e cursei disciplinas que me aproximaram cada vez mais deste universo.

Em 2014, aprovada no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFF, pretendia prosseguir com o mesmo tema. Meu projeto inicial já se afastava um pouco do ambiente escolar e me levava para as ruas. Minha ideia era acompanhar os jovens e fazer com eles os caminhos da casa para a escola e da escola para casa e assim percorrer e circular pelos espaços da cidade. No começo, eu acreditava que essa pesquisa seria muito mais uma descoberta sobre os jovens e suas relações para além da escola, do que uma pesquisa sobre o urbano, porém, já ao iniciar o curso pude perceber que a incorporação dessas práticas permitia pensar outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade “para além do olhar competente que decide o que é certo e o que é errado e para além da perspectiva e interesse do poder, que decide o que é conveniente e lucrativo” (MAGNANI, 2002:15).

Ao longo do curso de mestrado, pude conhecer autores e textos que me apresentaram muitos caminhos. Confesso que a tentação foi grande e que me perder era uma preocupação, mas dentre todas, uma área me chamou atenção e me conquistou de vez: a etnografia urbana. Com essas leituras, um universo novo me foi apresentado.

Em meu trajeto diário, de passagem pelos lugares, pensava sobre questões que lia a partir dos cursos. Nas minhas orientações já começara a sinalizar este impacto, que foi facilmente compreendido pela minha orientadora. Meu foco passava a ser o espaço urbano. Após esse período, um novo e difícil processo começava: a escolha do objeto. Como todo processo, somente agora entendo como certas questões são escolhidas pelos pesquisadores muito mais por afinidade e curiosidade (VELHO, 1978).

Frequentadora do bairro de Madureira desde que me lembro e moradora do subúrbio do Rio de Janeiro desde que nasci, fazia o trajeto Vila da Penha-Madureira frequentemente. Minhas últimas lembranças como frequentadora do bairro, e não

pesquisadoras me remetem aos diversos sons que ouvia, trânsito e pessoas; muitas pessoas. Como pesquisadora, as primeiras memórias que tenho me remetem à arte urbana, comércio de rua, circulação de pessoas e transformações do espaço. A partir disso não é muito difícil imaginar como as coisas foram acontecendo.

Caminhando por Madureira, tentando *estranhar o que era familiar* (VELHO, Op. cit), fui mapeando o espaço e as relações no campo. Surpreendentemente, fui descobrindo uma nova Madureira com redes e relações marcadas, que somente um olhar antropológico poderia me mostrar. Foi nesse processo de descoberta que voltei minha atenção para o Parque. Já tinha visto e ouvido muitos anúncios e notícias sobre o Parque Madureira. Amigos meus faziam convite a todo o momento. Chamavam-me para andar de bicicleta, assistir a um show ou acompanhá-los em um evento “diferente” no Parque. Assim, já havia construído algumas ideias sobre o que era o espaço, quando fui assistir a uma apresentação circense de uma amiga. Achei o espaço interessantíssimo e registrei no meu mapa mental o dever de retornar quando estivesse fazendo campo.

Quando finalmente tive a oportunidade de conhecer o Parque, foi então que pude entender porque este atraía tantos frequentadores. Com uma proposta diferente dos demais espaços do bairro, o Parque significava o lazer – da pista de skate aos eventos, e a interação de diversos agentes em diversas redes que se encontravam (claro que se hoje consigo formular este pensamento, inicialmente só podia perceber seu fluxo/circulação, ainda não seu significado). A diferença, a meu ver, estava na oferta das diversas possibilidades dentro do Parque, como “cachoeira”, pista de skate, quadras, bares, chafariz, jardins, espaço para usar internet, jogos, entre outros. O parque oferece aos frequentadores espaços que não eram acessíveis do lado de fora.

A partir desse primeiro contato tive certeza que meu interesse era por esse novo espaço e suas relações. A princípio, pretendia focar nos estudantes que ocupavam o Parque durante a semana, o que foi descartado posteriormente, pois uma etnografia bem feita seria porta de entrada para conhecer não somente um grupo, mas uma rede complexa, impossível de ser ignorada.

Para compreender a cidade, através das representações espaciais e morais dos sujeitos e a construção de seus quadros interacionais através da situação, seguir as *redes sociais* que se formam ajuda a apreender este cenário. Colocando o método dessa forma, parece que o cenário é estático, contudo, as redes de relações e o cenário são definidos e redefinidos a todo instante, caso contrário cairia no próprio engessamento das categorias, ignorando a fluidez, parcialidade, maleabilidade e pluralidade delas. Logo, o espaço urbano é o conjunto articulado dessas redes que são movidas não só por interesses e valores, mas normas que permitem o seu funcionamento.

Fazer antropologia, nesse sentido, partindo da cidade como *locus* e objeto de pesquisa, faz com que percebamos esse lugar pelas relações mais do que pelos indivíduos. Dessa forma, eu poderia abordar a sociabilidade em Madureira de diversas maneiras e me aprofundar em muitos tipos de representações do/no bairro. O samba, o comércio, a música, o subúrbio, a religião, a pichação, o estigma das favelas. Contudo, acredito que todas elas ainda não esgotam as inúmeras possibilidades que circulam no bairro.

No trajeto da minha casa para Madureira, passo por casas de moradores que servem como ponto de venda para eles. Essas casas não são apenas locais de moradia, mas de trabalho também. Atribuem este valor para suas casas. Vejo também camelôs por toda parte, vendendo em suas barracas ou até mesmo pelo chão. Vende-se de tudo. Um fato interessante sobre a relação com o comércio informal em Madureira é que durante o dia há fiscalização da Guarda Municipal e somente os vendedores com licença podem vender na rua. Contudo, quando se aproxima das 18 horas, o cenário vai se modificando, as lojas vão fechando e os vendedores ambulantes começam a ocupar as ruas em frente às lojas. Um acordo tácito parece vigorar (DELGADO, 2005; PIRES, 2005; RABOSSI, 2004).

No caminho de Vicente de Carvalho para Madureira, vejo muros grafitados e com anúncios. É curioso também como em muitos bairros da zona norte ou centro, mais do que na zona sul, há muitos anúncios colados nos muros e postes das ruas. Eles viram outdoors. Apesar de não ter como foco essas manifestações urbanas, é impossível não

reparar nos muros da cidade e registrar isso como uma forma de ação e de apropriação do bairro.

Descendo da van por um dos lados de Madureira (lado do colégio PENSI¹), percebo que há muitas residências, escolas e pequenos comerciantes, diferente de outros lugares do bairro. Atravesso a estação de Madureira e já do outro lado, o lado da Escola de Samba Império Serrano, caminho enquanto faço outras observações. Enquanto desvio das pessoas que distribuem folhetos de propaganda na rua, passo a prestar atenção no som ambiente daquele espaço. Há alto-falantes espalhados pelos postes que tocam músicas, mas também funcionam para fazer propagandas e anúncios². Em Madureira não há só pequenas lojas de atacado e varejo, mas lojas de grande porte como South, C&A e Lojas Americanas. Entre muitos estabelecimentos comerciais, há pequenos shoppings e galerias espalhadas por Madureira. Como o Shopping São Luiz, que possui lojas de diversas especialidades e quando digo especialidades quero dizer que as lojas de fato se especializam num estilo e vendem de tudo sobre isto, como lojas de vestidos de festa para 15 anos, outras para casamento, roupas de bebê, skate, produtos para academia, linhas de costura e barbantes, lojas de aparelhos de informática, entre outros.

Entrando neste shopping observo a relação entre os vendedores: conversam de uma loja para outra, parados em suas posições. Conversam com o segurança e com outros funcionários. Isto me faz pensar que apesar da enorme quantidade de pessoas que frequentam Madureira, em parte considerável do tempo as lojas desses shoppings ficam vazias (diferente das lojas de rua).

Nessa época, as ruas estavam enfeitadas para a Copa do Mundo, com bandeiras e fitas nas cores do Brasil. Algumas lojas além de enfeitarem também vendem mercadorias temáticas, como copos, blusas, apitos e acessórios. É possível encontrar de tudo em Madureira. O que está na moda é rapidamente apropriado pelos lojistas, tanto nos

¹ Esta é uma autoreferência, certamente para outros interlocutores distintas referências surgem nesse processo de localizar-se.

² É possível ouvir a rádio Madureira de casa através do link: <http://radiocm.org/>

comércios formais quanto nos informais. Da mesma forma, é possível perceber a transformação nas mercadorias e na decoração conforme a época do ano – dia dos namorados, festa junina, copa do mundo, Páscoa, Natal e dia das mães.

Atravesso o POLO I³ (mais um shopping do bairro) cruzo o Opção Feira Shopping e saio na Rua Carolina Machado, ao lado da linha de trem. Nesta rua há mais prédios, porém uma das ruas que desemboca nela é a rua do comércio de Madureira, que termina na Escola de Samba Império Serrano (Foto 1) e na Estação de trem do Mercado de Madureira. Há no trecho que percorri – da Opção Feira Shopping até o ponto de Ônibus que fica na altura da estação de trem de Madureira – além de prédios, uma vila de casas antigas, literalmente no meio de estabelecimentos comerciais. Um símbolo de resistência (ou para outros, resquício) da arquitetura que existiu um dia em Madureira.

Em período eleitoral Madureira fica mais polifônica do que de costume⁴. Certa vez, parada em um engarrafamento, observo um daqueles carros de propaganda que servem como oposto de placas, te seguem e perseguem ao longo do caminho. Assim, em determinados trechos de Madureira o trânsito permanece tão parado que as propagandas em carros surtem o mesmo efeito das placas, pois passamos muito tempo olhando a mesma propaganda. São tantos sons que tudo se transforma num grande ruído: uma mistura pulsante de propagandas de lojas e eleitorais, vendedores de rua e buzinas de carro⁵.

Metodologia

Um campo como o Parque Madureira abriga diversos grupos que ocupam de inúmeras formas os equipamentos disponíveis, isso demanda um tempo maior para que se possa conhecer como cada grupo se relaciona com esse espaço. Assim, para conseguir

³ Site do Shopping <http://www.polo1online.com.br/>

⁴ Durante uma de minhas viagens para Madureira, por mais de uma vez enquanto parávamos nos pontos de ônibus, vendedores ambulantes entravam no ônibus vendendo suas mercadorias, mas especialmente um deles me chamou atenção e me fez pensar como, através da fala/discurso, eles atraem seus compradores.

⁵ Mendonça (2009) realiza um resgate interessante das perspectivas trabalhadas na antropologia acerca da sonoridade das cidades, como os conceitos de paisagem sonora e polifonia, interessantes para pensarmos a construção de um espaço a partir de seus sons, que no caso urbano, é diverso.

mapear esse cenário, focar num único grupo seria abrir mão de outras tantas possibilidades. Por esse motivo busquei em minha pesquisa identificar ao máximo as relações que os usuários têm com o Parque numa perspectiva mais ampla, o que por um lado faz perder em especificidade, mas ganha ao captar e mapear uma “multiplicidade de estímulos” e usos.

A nivel general, la observación flotante consiste en mantener en cualquier circunstancia la atención vacante y disponible sin fijarla en un objeto preciso, sino dejarla abierta para que las informaciones la penetren sin filtros, con el fin de percibir con mayor claridad las convergencias, las apariciones, los distintos repertorios y sus reglas subyacentes. [...] Este tipo de observación junto con aquella más tradicional permite consolidar el perfil de una etnografía de los espacios públicos con las ventajas y desventajas de cualquier otro método de investigación social. (CEDEÑO, 2003: 550)

No estudo dos espaços públicos, como em qualquer etnografia que pretende apreender as relações dos sujeitos, o olhar deve estar atento às ambiguidades que surgem no campo. Essas ambiguidades surgem entre discursos e práticas, colocando-nos o papel de compreender cada vez mais as maneiras de ressignificar e de usar os equipamentos públicos. Da mesma forma, a ambiguidade também transparece no discurso oficial da administração do Parque, na relação com projetos e ações políticas. Em todo caso, resta considerar que mesmo fruto de uma concepção política e de um projeto de cidade particular, o Parque Madureira proporciona experiências e cria um sentimento de pertencimento nos usuários que usufruem desse espaço (planejado ou não), ressignificando-o.

Para a realização desta etnografia, a metodologia que me pareceu mais adequada à apreensão da diversidade do Parque Madureira foi a observação flutuante (PETONNET, 2008), pois possibilitou desenvolver melhor um trabalho que pudesse entender a relação dos diversos grupos em um espaço, sem focalizar em um único grupo. Os grupos aparecem neste trabalho conforme eles próprios vão construir sentidos para o Parque. Logo, minha proposta é analisar a constituição dos usos que são feitos dos espaços, que dotados de significados, são transformados em lugares. Nessa perspectiva, a observação flutuante

consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes. (PETONNET, 2008 [1982]: 102)

Permaneci em campo nos meses de abril a dezembro, apesar de sempre retornar ao Parque para realizar atividades de lazer. Frequentei o Parque em dias úteis e fins de semana, sem ter uma rotina de dias ou horários determinados. Além da observação direta, participei de eventos e me envolvi em atividades promovidas pelo Parque, assim como realizei entrevistas com seus frequentadores, que nem sempre foram gravadas, algumas foram apenas registradas no meu caderno de campo, sempre com a autorização dos interlocutores. Assim, a etnografia do Parque é feita a partir da narrativa acerca da percepção dos frequentadores e de suas táticas para apropriação dos espaços, mas também pelas minhas observações.

Esta dissertação procura trazer também uma perspectiva política e urbanística sobre a construção do Parque Madureira, ainda que as formas de experimentar esse espaço planejado seja o que motivou o trabalho. Assim, fazer uma antropologia da cidade, que se transforma rapidamente, num constante processo de cidade vivida e sentida é observar as situações (AGIER, 2011). A complexidade que há na cidade é o que leva o antropólogo a fazer uma antropologia da cidade, ao invés de optar por perspectivas menores que não dão conta da vida numa megalópole que possui um “objeto de investigação demasiado esmagador” (AGIER, 2011:36). Poder se colocar no meio dessas questões é se permitir fazer uma leitura da cidade pelas práticas de sociabilidade e pela produção cultural, nos situando nem tão distantes que não possamos enxergar a inserção dos indivíduos nos grupos e nem tão perto que valorizemos o indivíduo como se ele estivesse isolado e não sofresse influência do espaço urbano. A etnografia permite conhecer múltiplas possibilidades de ocupar os espaços, de encontros, trajetos e relações, formas de participar efetivamente da vida cotidiana na cidade (CORDEIRO, 2010).

Dessa forma, para a autora, a perspectiva *da* cidade tem como fio condutor as escolhas e trajetos do investigador. Convém não confundir como determinada experiência é situada pelos “nativos” e o modo como é interpretado pelo antropólogo. É preciso

considerar o contexto urbano como estrutura social e pano de fundo onde se constroem relações e conexões, *planos intermédios* como categoria analítica para orientar o antropólogo.

Apesar de estar inserida nesse contexto urbano e frequentar Madureira há bastante tempo, devo assumir o compromisso de estranhar a todo momento o que a princípio me seria familiar (VELHO, 1978). Contudo, é preciso que esse estranhamento seja contextualizado, para que não seja apenas uma reação de espanto ou desconforto, tão logo, a importância de como os indivíduos constroem a sua própria realidade seja percebida e a complexa teia de relações que envolve os indivíduos seja identificada, sempre haverá algo de novo para estudarmos. O mais interessante é trazer para análise justamente o que os sujeitos consideram “normal” em seus cotidianos. Essa normalidade em si já não é homogênea se considerarmos os diferentes posicionamentos que os indivíduos estabelecem, característica básica fundante das relações em sociedades complexas.

Para apresentar as reflexões suscitadas por esse campo, o presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo a diferenciação entre o conceito de cidade e o urbano se faz necessária para o entendimento do atual modelo de cidade que, depois da industrialização, passa a ter o urbano como valor. Esse modelo intensifica a produção de signos e o consumo desses signos, como o lazer, o que significa que novas formas de ocupar e viver na cidade surgem. Com a complexidade da produção de signos, a forma de viver é múltipla, contudo, ao mesmo tempo, é crescente o planejamento das grandes cidades, que prevê formas bem específicas para ocupá-las. Lefebvre (2001) entende que a segregação crescente é sintoma desse tempo, porém, as pessoas recriam as formas de usar e ressignificam essas formas previstas pelos planos políticos através da capacidade criadora dos cidadãos.

Ao longo da história, foram muitos os modelos de cidades propostos por governos locais. Atualmente, a cidade do Rio de Janeiro adota o Planejamento Estratégico, modelo mundialmente conhecido e utilizado pelas cidades que desejam entrar no circuito onde circulam investimentos públicos e projetos culturais, como sediar as Olimpíadas 2016.

Para receber as Olimpíadas a cidade tem passado por obras para adequação da estrutura local de acordo com outras cidades mundiais (configuração de uma estrutura básica entre as cidades como modelo implantado pelo planejamento estratégico). O Parque Madureira é um desses equipamentos urbanos construídos na cidade, que prevê formas específicas de utilização. É sobre a relação dos usuários (ou a não relação) com o Parque e o bairro que o presente trabalho trata.

No segundo capítulo apresentamos uma breve contextualização do bairro de Madureira. Nesse capítulo, realizamos uma discussão sobre a ideia de “tradição” quando acionada para falar sobre o bairro, assim como as manifestações culturais em Madureira e suas representações, que constituem aspectos que interferem na construção social do bairro e por isso devem ser exploradas. Entender a relação que os diversos grupos estabelecem com os espaços oferecidos e acessíveis em Madureira é interessante para pensarmos que muito disso é levado para o Parque Madureira, não só pela apropriação de uma “cultura local” por parte da gestão do Parque, mas pelos próprios frequentadores, que também levam seus costumes e constroem nesse ambiente uma relação ambígua entre ações permitidas e não permitidas.

No terceiro capítulo nos debruçamos especificamente sobre o Parque Madureira, o projeto, as representações na mídia sobre sua construção, os usos diversos pelos frequentadores. A partir do conceito de *território lúdico* (noção-chave para refletirmos sobre cidades e o consumo de signos como o lazer), as formas territoriais são concebidas para usufruto lúdico e organizam-se segundo planos que derivam de uma sistemática programação e são inseridas em contextos territoriais que permitem a sua disponibilização cotidiana ou ritual, contribuindo para novas formas de relação com os lugares (BAPTISTA, 2005). O Parque não apenas integra um discurso de planejamento estratégico, como também constitui um equipamento urbano que envolve os cidadãos numa concepção lúdica de cidade e fortalece ainda mais sua própria “tradição”. Assim, a construção do Parque Madureira pretende a “integração” da cidade e, apesar de ser planejada através de uma política de ordenamento, permite evidenciar as diferentes formas de contornar essas regras, muitas vezes pela capacidade criativa e criadora das pessoas de ocuparem os espaços.

Por fim, no capítulo conclusivo procuramos apresentar algumas considerações sobre o impacto desses projetos na atual configuração urbana da cidade do Rio de Janeiro.

Capítulo 1 | Cidades

Para Lefebvre, cidade é a “realidade presente, imediata, dado prático-sensível, *arquitetônico* – e por outro lado o “urbano”, realidade social composta de *relações* a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento” (LEFEBVRE, 2001: 54 [*grifo meu*]). Entende-se que ao fazer referência ao conceito de cidade estamos nos referindo a separações e agrupamentos físicos, *materiais*, que podemos ver e comparar. Por outro lado, o urbano remete-nos às *relações* possíveis a partir dessa estrutura física, relações possíveis a partir do meio construído nas cidades.

A problemática do urbano, segundo o autor, surge a partir da industrialização. As questões referentes à cidade, seu desenvolvimento, questões ligadas ao lazer, à cultura e à transformação da realidade urbana são pensados nesse arcabouço teórico como efeitos da industrialização. No conjunto das relações institucionais compreende-se a sociedade, o Estado e a cidade, que tem no Estado a base do poder centralizado e em cada cidade um sistema fechado. Nesse sentido, as cidades conservam um caráter orgânico de comunidade e de organização corporativa, o que nada impede os conflitos das lutas de classe, ao contrário, reforçam o sentimento de pertencimento dos grupos, facções, entre outros.

A cidade não pode ser concebida como um sistema fechado, mas capaz de apoderar-se de diversas significações, inclusive enquanto *locus* de intervenções urbanas:

Sim, lê-se a cidade porque ela se escreve, porque ela foi uma escrita. Entretanto, não basta examinar esse texto sem recorrer ao contexto. Escrever sobre essa escrita ou sobre essa linguagem, elaborar a metalinguagem da cidade não é conhecer a cidade e o urbano. O contexto, aquilo que está sob o texto a ser decifrado (a vida cotidiana, as relações imediatas, o inconsciente do “urbano”, aquilo que não se diz mais e que se escreve menos ainda, aquilo que se esconde nos espaços habitados – a vida sexual e familiar – e que não se manifesta mais nos tête-à-tête), aquilo que está acima desse texto urbano (as instituições, as ideologias), isso não pode ser esquecido na decifração. (LEFEBVRE, 2001: 60)

Os processos de intervenção promovem diferentes formas de transfiguração dos espaços e dinâmicas urbanas, desde a substituição de áreas habitadas por vias largas ou praças cimentadas; à transformação da ideia de “habitar” e intensificação dos processos de exclusão socioespaciais.

Essas medidas são basicamente parte de um urbanismo global, que prevê as cidades não somente como centros comerciais, mas também de consumo. Logo, aqueles que estão nos centros, considerados lugares da consciência urbana, estão também dentro do jogo do consumo, participando da ideologia da felicidade construída em escala global. Assim, todas as medidas são impostas pela elite e reforçadas por outras esferas da sociedade para transformar as pessoas e as cidades em produtos rentáveis para a industrialização e para o capitalismo, explorando-as desde a produção até o consumo⁶.

O que ocorre é que essas medidas globais criam generalizações que simplificam realidades complexas, deixando escapar especificidades e, apesar da “ação criadora” e transformadora não vir desses processos globais, mas de relações cotidianas entre as pessoas e os grupos – assim como as relações de classe e as mudanças no meio de produção, elas acabam atuando modelando o espaço urbano e a cidade. Na realidade, a cidade é ela própria moderadora dos processos globais, pois é na cidade que esses processos se inscrevem como “texto urbano”.

Frente à complexidade desse cenário urbano, nos cabe compreender que, de maneira analítica, algumas vezes separamos os indivíduos em grupos e fragmentamos suas experiências, deixando escapar o significado totalizante de suas ações, isto é, a complexidade das relações sociais (VELHO, 2013). Nesse sentido, Velho entende que apesar da heterogeneidade de faixas etárias, da diversidade étnica, estratificação social entre outras variáveis, há momentos da vida cotidiana onde os indivíduos compartilham um mesmo contexto. Através dos códigos que compartilhamos, símbolos e linguagem básica comum, negociamos a realidade e construímos os processos de interação, o que o autor chama de *consistência cultural*. Contudo, nem sempre compartilharemos dos mesmos processos de interação, pois se por um lado temos a capacidade de nos envolver

⁶ Únicos espaços possíveis em tempos de industrialização, pois deixa-se de cumprir efetivamente o papel de cidadão com a substituição de questões sociais, ideológicas, culturais etc.

e nos interessar por algo, temos também a possibilidade de não fazermos, de reagirmos intencionalmente ou não para fora de um acontecimento que nos é próximo.

[...] ênfase que essa maleabilidade e fluidez é um dos aspectos mais cruciais para um esforço de compreensão das sociedades complexas, particularmente nas grandes metrópoles. Cria uma possibilidade de jogo de papéis e de identidade, que é uma das marcas mais expressivas de seu estilo de vida. Os limites entre norma, conformismo, transgressão, constantemente são colocados em xeque. Todas as noções de normalidade e desvio tem um caráter eminentemente instável e dinâmico. Essa multiplicidade de experiências e papéis sublinha a precariedade de qualquer tentativa excessivamente fixista na construção dos mapas socioculturais. (VELHO, 2013: 120)

A coexistência dessa multiplicidade constitui a dinâmica de uma sociedade complexa, a qual mantém e transforma a vida social através desse relacionamento “mais ou menos conflituoso”.

É cada vez maior a produção de signos nas cidades, isto é, a produção de ideologias e formas de se relacionar. O consumo é uma dessas ideologias que produz signos, que conseqüentemente desmembra-se não só no consumo de bens materiais, mas na produção e no consumo desses signos. São exemplos de signos produzidos para consumo: signo da felicidade, da satisfação, do poder e, arrisco dizer que atualmente, do lazer (LEFEBVRE, 2001). Cada sistema de signo passa a ser vendido como objeto integralmente consumível, como se, numa escala global, existisse valor de troca para esse sistema e valor de uso, como se as pessoas, visitando uma cidade com determinado sistema de signos associado a ela, estivessem consumindo/ experimentando a essência da cidade.

É possível relacionarmos essa perspectiva com a produção de signos associada à cidade do Rio de Janeiro num período de preparação para as Olimpíadas 2016, produzida para consumo não só externo, mas também interno. Signos de lazer e também a (re)criação de signos, como a “carioquice”⁷ que incorpora e reforça nos moradores da

⁷ Foto do certificado em Anexo 1

cidade aspectos culturais rentáveis para a economia e consumíveis numa perspectiva prática.

1.1. O direito à cidade

Os megaeventos sediados no Rio de Janeiro e os grandes projetos urbanos que os acompanham, agravaram um cenário que já existia na cidade, com a inversão de alguns desses valores e a violação de direitos como à moradia, à mobilidade e à participação, desrespeito que foi sentido pela população e questionado em manifestações populares⁸. Assim, se por um lado a cidade está passando por um “embelezamento” para receber turistas, e este embelezamento tem-se dado às custas de privações de direitos; por outro, a criação de equipamentos de lazer como o Parque Madureira em áreas de menor hierarquia no mapa social da cidade também pode proporcionar a satisfação daqueles usuários que são beneficiados por esses equipamentos urbanos. A ambiguidade dos processos de intervenção e transformação urbanas, das reações e significações que suscitam são trazidas à baila aqui numa reflexão sobre os projetos de cidade e seus impactos na reestruturação das relações cidadinas das configurações de bairro.

As demandas colocadas com o crescimento das cidades trazem para o cidadão a responsabilidade de lidar com as problemáticas atreladas a esse crescimento, cabe a nós construirmos a cidade que queremos viver “democrática e inclusiva, criativa e bela, inteligível e justa” (FORTUNA, 2009: 84). Fortuna (2009) entende que esse momento é paradoxal, pois ao mesmo tempo em que se tem um movimento de renovação para o cidadão, anuncia-se precipitadamente um esgotamento da cidade que conhecemos. Trata-se de um uma expansão e reinvenção do urbano.

O planejamento das cidades concebido pelos urbanistas como um projeto para longo prazo não dá conta das mudanças e dos usos, isto é, das ressignificações que os grupos e as pessoas fazem dos equipamentos. Para essas funcionalidades não previstas, Fortuna faz menção à noção de espaço urbano temporário. O espaço urbano temporário prevê a exceção como a regra. A visão de que cada espaço tem seu tempo e maneira de

⁸ Fonte: Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014.

ser ocupada é sobreposta à ideia de que a vida urbana contemporânea é invadida e invade de uma forma “desorganizada”, descontínua, a todo tempo e espaço no cotidiano das pessoas (FORTUNA, op. cit: 91).

Essas perspectivas ocorrem a partir da relação que os cidadãos constroem com o espaço e as diversas formas de ocupá-lo. Torna-se cada vez mais difícil esse contato com a cidade se a proposta de um projeto de intervenção pública for cada vez mais autoritária e disciplinar, pois nestes projetos de cidade não só os espaços são pensados, mas a forma como devem ser ocupados também.

1.2. Projetos de cidade

O Rio de Janeiro, assim como outras cidades, foi *locus* de alguns modelos de projetos ao longo de sua história. Atualmente, está previsto para a cidade um Planejamento Estratégico que enuncia a ideia de um “plano de integração”⁹ para o Rio de Janeiro. O “plano de integração” prevê acabar com a organização territorial hierarquizada entre centro/periferia e também a hierarquia entre as zonas, isto é, enquanto a zona sul e alguns pontos da zona oeste são privilegiados com investimento público, a zona norte não é tomada como prioridade. Os diferentes recursos destinados para as áreas e as fronteiras físicas e simbólicas que criamos e reificamos através das relações sociais reforçam essa hierarquia. No “plano de integração” esses espaços passariam a ter o mesmo valor e significado frente ao poder público, recebendo o mesmo investimento financeiro e cultural.

Dentre essas obras de “adequação”, Sousa (2015) destaca a criação do Parque Madureira, “menina dos olhos” do atual governo:

Numa constante tentativa de abandonar as condições de insalubridades social e física que acometem o Rio de Janeiro desde sua “criação”, o discurso do Rio de Janeiro dos sonhos se apoia nos eventos que prometem levar a cidade a um novo patamar.

⁹ A noção de integração aqui utilizada diz respeito ao sentido atribuído pelos planejadores e administradores públicos. Por este motivo utilizarei sempre plano de integração entre aspas.

Sem nos atermos profundamente aqui às constantes réplicas desse intuito e crença desde o final do século XIX e começo do século XX, a propaganda governamental é de uma cidade em construção: obras de infraestrutura promovem a cidade integrada em seus aspectos físicos e simbólicos. Dentre as obras, uma em especial conclama este aspecto integrador por se tratar de uma área de lazer no subúrbio que surge discursivamente como ponto de integração da cidade maravilhosa a pontos outros para “além da Zona Sul”. (SOUSA, 2015: 71)

Com a construção de espaços de lazer na zona norte, surge a ideia de que todas as zonas estão sendo beneficiadas, entretanto, a mobilidade para atravessar a cidade continua a mesma (ou até pior), assim os moradores ficam cada vez mais nos próprios bairros/regiões.

Para transformar a cidade nesse modelo integrado, a população teve e tem que conviver com as obras para “adequação” da cidade, como as remoções. O discurso vinculado a essa integração foi divulgado amplamente como uma necessidade para a cidade, que não seria mais “partida” e todos seriam beneficiados¹⁰. A ideia de integração do subúrbio, especificamente o Parque Madureira, ao restante da cidade, segundo Sousa, é de que construir um Parque com “ares da zona sul”, que façam os usuários sentirem-se na praia, é parte da construção desse projeto de cidade.

O discurso da mídia e a construção de equipamentos urbanos que tentam levar para o bairro “ares da zona sul” junto à cultura local, aliam-se ao discurso de integração, pois ao criar representações para o bairro e tipificá-las como “tradicionais” e próprias dos cariocas, Madureira passa a pertencer, através das práticas culturais, à cidade do Rio de Janeiro. Reinventa-se a cultura por meio da política (BARRETO, 2011).

O discurso de integração é composto por um processo que une o que não está separado, pois o que se tem é um acesso desigual em relação à moradia, mobilidade, segurança, entre outros. Desconsiderando o que continua desigual na cidade, o plano lança luz apenas para o que foi “integrado”, como é, por exemplo, a construção do Parque Madureira. Para Sousa, a ideia do plano se torna falsa, pois não considera a complexidade

¹⁰ O discurso de cidade partida versus integrada deixa escapar a complexidade do emaranhado de relações que cortam a cidade cotidianamente, a cidade é movimento.

das relações, dos nós do espaço e da vivacidade no bairro ao considerar o Parque ponto-chave para união da cidade e desconsiderar aspectos como a “realocação” da comunidade Vila das Torres ou outras vozes que foram recorrentemente silenciadas no bairro.

Ao neutralizar o incômodo das possíveis falas discordantes, o jornalismo transforma em resmungos os sussurros quase inaudíveis das condições dos moradores de áreas suburbanas e, mais do que isso, do que dentro da lógica de cidade integrada fica de fora do projeto de cidade empresa/cidade olímpica/cidade global (SOUSA, 2015:176)

Numa escala global, desde os anos de 1980, as influências externas no ramo econômico e político recaem sobre a cidade do Rio de Janeiro. As agências estrangeiras assumem o papel de protagonistas nas decisões governamentais. O modelo importado das empresas privadas para as governamentais implanta uma gestão voltada mais para o território, a partir do planejamento estratégico local e de um marketing dos lugares. O planejamento estratégico é uma resposta às demandas da globalização e às novas demandas de valorização do capital (VAINER, 2000).

A globalização é entendida como “um processo de reestruturação socioeconômica em escala mundial, possibilitado por inovações tecnológicas em comunicação, informação e transporte” (NOVAIS, 2010:23), mas também pela incorporação de aspectos culturais externos, isto é, a circulação de padrões culturais entre os países e as cidades¹¹. Nesse cenário, agir estrategicamente significa

conceber ações para o ambiente interno (em geral identificado com os limites territoriais do município) de modo a minimizar pontos fracos e maximizar pontos fortes. Dessa maneira, e com o apoio de programas de marketing e comunicação social, as oportunidades poderiam ser aproveitadas enquanto seriam respondidas as ameaças advindas do exterior. (NOVAIS, 2010:28)

Estratégia passou então a indicar a eficácia da combinação de diversos fatores em prol de determinados objetivos. A estratégia passa a ser também uma cartilha, com códigos a serem lidos, falados e seguidos. Assim, as cidades que falam o código da

¹¹ Novais (2010) recorda que essa livre circulação foi o pano de fundo para o pensamento liberal, que reflete no modo como as pessoas e a sociedade se relacionam: a produtividade e competitividade, por exemplo.

estratégia conquistam também recursos financeiros, além de um diálogo com o empresariado.

Em Barcelona, cidade que sediou os Jogos Olímpicos de 1992, o planejamento estratégico apareceu como resposta à crise que enfrentavam (crise habitacional, recessão econômica e desemprego). O modelo de planejamento estratégico implantado na ocasião das Olimpíadas direcionou para a cidade verba para transformá-la e adequá-la conforme os padrões globais da mesma forma que lhe conferiu visibilidade. Com esse investimento, Barcelona criou e redistribuiu políticas urbanas intervindo em diferentes pontos pela cidade. A intenção dessa política de intervenção era criar um efeito que se alastrasse pelo tecido urbano, reverberando a ideia de “recuperação” da cidade.

Parte do plano de implantação desse projeto nas cidades se dá pela divulgação e aceitação da ideia, papel desempenhado pelo marketing, que atua através das mídias. Para isso, o marketing desse projeto constrói um consenso entre vários segmentos, como empresariado e governo, agências governamentais, frações de capitais e entre os cidadãos. Trata-se da noção de “patriotismo de cidade”¹², necessária para a difusão do pensamento estratégico entre agentes econômicos e sociais da cidade.

Em Barcelona, esse consenso se deu pela afirmação da crise enquanto elemento mobilizador. Logo, se a prefeitura estava mobilizada para salvar a cidade, a figura do prefeito surgiu como ícone, um líder, deste processo e que remetia sua imagem à capacidade de comando e criava uma disposição emocional ao consenso pretendido. A força da liderança tem poder mobilizador e passa confiança para os sujeitos.

Para Vainer (2011), a partir do planejamento estratégico, as cidades se tornam cidades de exceção, “que não seria senão a afirmação, sem mediações, da democracia direta do capital” (p.1). Para entendermos como as cidades transformam suas políticas urbanas precisamos entender a influência do pensamento neoliberal nas decisões na/da cidade, isto é, como as políticas urbanas acompanham as movimentações do mercado conforme as oportunidades de negócio, funcionando verdadeiramente como uma empresa

¹² Conceito desenvolvido em: FORN I FOXÀ, M. D. Barcelona: estrategias de transformaci3n urbana y economica. Barcelona. 1993.

e como tal deve ser entregue aos empresários capitalistas. A cidade deixa de ser pensada para o cidadão e passa a ser governada por interesses particulares:

A instauração da cidade-empresa constitui, em tudo e por tudo, uma negação radical da cidade enquanto espaço político – enquanto polis. Afinal, como lembrava Marx, na porta das empresas, dos laboratórios secretos da produção capitalista está escrito: “No admittance except on business”. Aqui não se elegem dirigentes, nem se discutem objetivos; tampouco há tempo e condições de refletir sobre valores, filosofia ou utopias. Na empresa reina o pragmatismo, o realismo, o sentido prático; e a produtivização é a única lei. (Vainer, 2011: 5)

Na teoria, povo, país e cidade continuam operantes, mas, na prática, a democracia está beneficiando grupos seletos, produzindo e reproduzindo práticas de exceções.

Não se trata mais de uma forma de governo em que o “interesse geral” cederia lugar a formas negociais, como sugeria Ascher. Nem se trata, apenas, de governar em benefício de determinados grupos de interesses, grupos dominantes. Trata-se de uma forma nova, em que as relações entre interesses privados e estado se reconfiguram completamente e entronizam novas modalidades de exercício hegemônico. (VAINER, 2011:11)

No Rio de Janeiro, os fatores estruturais que influenciaram as mudanças no planejamento urbano vêm ganhando espaço e sendo implantados muito antes das Olimpíadas de 2016. Segundo os articuladores desse projeto na cidade, desde os anos de 1980 a cidade já não estava em boa condição, muito pela crise econômica, mas também por um “problema de autoimagem do carioca” e pela dificuldade de articulação política, o que freava as ações de interesses locais. O marketing planejado para a cidade construiria nos cidadãos a ideia de que o planejamento estratégico no Rio traria de volta para o carioca a confiança na cidade e sua autoestima, perdida em tempos de crise. Apesar de sua implantação não ocorrer no mesmo cenário que o de Barcelona, o pensamento estratégico no Rio objetivava construir um consenso sobre o planejamento, a partir das melhorias na cidade.

Como técnica de governo, desde 1992, ano das Olimpíadas em Barcelona, já se falava em estratégia por aqui com a campanha de César Maia para a prefeitura do Rio de

Janeiro, que já utilizava os códigos referentes ao pensamento estratégico¹³. Assim, no seu governo como prefeito, esse pensamento ficou ainda mais presente, com o arquiteto Luiz Paulo Conde como secretário de urbanismo. Durante seu mandato, trouxe para o governo a parceria com o setor privado prometendo solucionar os problemas da cidade.

Apesar de considerar o plano estratégico uma boa perspectiva para trabalhar a cidade, César Maia tinha consciência que utilizar modelos prontos fazia com que o resultado fosse diferente em cada cidade. É preciso realizar um esforço de reflexão estratégica para adaptar o projeto às reais necessidades de cada cidade. A estratégia, nesse sentido, é o olhar atento às transformações urbanas que quando executadas de forma inteligente, trazem para a cidade marcos diferenciais, referências e “melhorias” na qualidade de vida daquela população. Diferente das táticas, que são as obras que visam suprir as necessidades básicas de um lugar e/ou de sua população.

O planejamento estratégico carrega a ideia de que as cidades competem pelas oportunidades e seus benefícios no mundo globalizado. Para Novais (2010) o debate sobre o planejamento estratégico em escala global serviu para universalizar categorias e ajustar subjetividades em torno de uma mesma perspectiva urbanística. Contudo, a partir das representações de cada cidade, é realizado o debate acerca das ações estratégicas necessárias (a ideia a ser implementada precisa estar de acordo com o contexto local), assim como se deve considerar a dinâmica própria do espaço social, isto é, considerar a interferência dos sujeitos, enquanto políticos, na tomada de decisão dos métodos a serem empregados e seus resultados, o impacto que a interferência do planejamento terá nos sujeitos, se é conveniente para eles também ou não.

¹³ César Maia foi prefeito do Rio de Janeiro pela primeira vez entre 1993 e 1996, pelo PMDB, e realizou projetos como o Rio-Cidade e o Favela-Bairro.

Capítulo 2 | Transformações urbanas e representações em Madureira

Atualmente, a XV Região Administrativa de Madureira agrega os seguintes bairros: Madureira, Bento Ribeiro, Campinho, Cascadura, Honório Gurgel, Marechal Hermes, Oswaldo Cruz, Rocha Miranda, Vaz Lobo e Turiaçú. Neste trabalho me refiro apenas ao bairro de Madureira (Anexo 2), sem desconsiderar a importância dos bairros do entorno e da circulação constante entre ele, contudo, delimitando este espaço para objetivos analíticos.

De acordo com dados disponibilizados pela prefeitura do Rio de Janeiro¹⁴, o bairro de Madureira possui uma área de 378,76 ha, com uma população de 50.106 habitantes, distribuídos em 18.937 domicílios, sendo 10.135 casas e 5.067 apartamentos. Mesmo sendo tradicionalmente conhecido como um bairro de subúrbio carioca, esta definição só faz sentido na relação com outros bairros. Comparado ao Méier, outro bairro do subúrbio (que possui 247,09 ha, 49.828 habitantes e um total de 21.023 domicílios, sendo 4.174 casas e 13.064 apartamentos), podemos observar alterações na própria estrutura urbana, por exemplo, com mais prédios e menos casas do que Madureira. Ainda assim, comparado a bairros da Zona Sul, como Copacabana, percebemos o intenso processo de verticalização do bairro, que conta com uma área de 410,09 ha, com 146.392 habitantes, num total de 81.188 domicílios, sendo 2.935 casas e 58.033 prédios.

Ainda levando em conta esses bairros numa perspectiva comparativa acerca dos processos de urbanização, o setor comercial apresenta dados interessantes. Em Madureira, o número de estabelecimentos não-residenciais, que considera comércios e serviços é de 5.025, número próximo à estrutura do Méier, que possui 4.091 estabelecimentos comerciais, enquanto Copacabana possui 12.680 estabelecimentos comerciais. Podemos notar como Madureira possui um número elevado de

¹⁴ Fonte: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_bairro.htm

estabelecimentos comerciais se comparados a outros bairros do subúrbio, mas inferior quando comparado a bairros da Zona Sul da cidade.

No bairro de Madureira existem aproximadamente 10 favelas¹⁵, que integram em alguns casos mais de um bairro, são elas: Cajueiro (Madureira e Vaz Lobo); Comendador Pinto (Madureira); Congonhas (Madureira); Grotta (Madureira); São José (Madureira e Engenheiro Leal); Sanatório (Madureira e Engenheiro Leal); Sapê (Madureira e Vaz Lobo); Serrinha (Madureira); Sossego (Madureira); e Vila das Torres (Madureira).

A história de Madureira agrega grupos de muitas regiões do país, inclusive pessoas expulsas de locais mais valorizados durante as reformas urbanas pelas quais a cidade do Rio de Janeiro passou. Emigrantes vindos dos morros Santo Antônio, Castelo, São Carlos e Mangueira em busca de alugueis mais baixos e atraídos pela proximidade de parentes e amigos que já ocupavam esta área também compunham a população do bairro (RIBEIRO, 2013). Essas pessoas trouxeram as referências culturais que ainda resistem no bairro, através da música, arte, festas, comércio, religião, ente outros.

Valores relacionados à ideia de vizinhança que havia no bairro pesaram na decisão dos que migraram para Madureira, e ainda representa a imagem que esses moradores têm do bairro: amizade e solidariedade¹⁶. A manutenção dessa rede social ocorre por dois motivos: os descendentes dos primeiros moradores que ainda moram lá e a relação destes moradores com as escolas de samba¹⁷ que fortalece e transforma essas relações no morro e implica a própria transformação do papel social e cultural dessas pessoas (Cf. Ribeiro, 2003: 44 e 49). As favelas fazem parte deste cenário e refletem bem não só a segregação oriunda de reformas urbanas, mas também as relações de sociabilidades que passaram a integrar esses bairros, diferenciando-o dos demais.

Conhecida e experimentada por incontáveis formas de representações sociais, Madureira é um bairro que apresenta a complexidade e heterogeneidade do espaço urbano carioca. Segundo Abreu (2013), a metrópole do Rio de Janeiro passou por um

¹⁵ Fonte: <https://robertatrindade.wordpress.com/morros-e-favelas/>

¹⁶ Sobre sociabilidade em Madureira, consulta HEILBORN, 1984.

¹⁷ As primeiras escolas de samba do bairro datam de 1926 (Portela) e 1947 (Império Serrano).
Fonte: RIBEIRO, 2003:42

processo qualitativo de distribuição de bens e serviços, pois comparada às margens e periferias do Estado, a metrópole do Rio sempre recebeu mais atenção e recursos públicos. Assim, o processo político e econômico segregador que ocorre externamente à metrópole reproduz internamente essa lógica e se fortalece ainda mais quando pensado na polarização entre zonas sul, centro, zona norte, subúrbio, favelas e tantos outros possíveis. Por isso, uma breve contextualização de Madureira se faz necessária para quem quer entender a atual formação social do bairro, e apreender as lógicas de ocupação e usos do espaço que para o autor não pode ser entendida separadamente das práticas sociais e dos conflitos de classe presentes numa sociedade capitalista, reconhecendo assim os processos históricos que determinam sua forma espacial e as dinâmicas da elaboração do espaço urbano.

Foi ao longo do século XIX que a cidade do Rio de Janeiro transformou sua forma urbana após a introdução do bonde de burro e do trem a vapor, separando os nobres para zona sul e os “indesejáveis” para as margens da cidade, bairros mais distantes e com infraestrutura mais precária. Foi a partir do aparecimento desses meios de transportes que grupos que viviam anteriormente juntos passaram a ser separados, logo, desde a sua invenção, os transportes ao mesmo tempo em que integravam espaços, ditavam quem teria acesso e quem seria segregado. Entretanto,

É preciso relativizar os seus papéis frente ao ambiente urbano. É que trem, bondes e mais tarde ônibus (e os sistemas vários correspondentes) só vieram “coisificar” um sistema urbano preexistente. (...) Em outras palavras o trem fez a zona sul, porque as razões de ocupação seletiva da área já eram realidade... já o trem veio responder a uma necessidade e localização de pessoas de baixa renda e de atividades menos nobres. (SANTOS apud ABREU, 1977: 44)

Para Abreu, é possível dividir a metrópole carioca em quatro grupos segundo suas características físicas e condições viárias de expansão. Madureira, nesse sentido, faz parte da *periferia imediata* que abrange os subúrbios mais antigos do Rio, que se formaram ao longo das estradas de ferro. Na *periferia imediata* reside a classe média baixa, fruto do prolongamento das zonas industriais que originalmente eram localizadas no centro. Assim, a ocupação dos bairros deste grupo se deu através de pólos residenciais localizados ao redor de paradas de trem. A expansão da malha ferroviária fez surgir os

bairros denominados suburbanos – porque eram distantes do centro econômico e cultural da “urbe”.

Em 1858, com a linha de trem suburbana para Cascadura e seu aumento de “frota” em 1870, os horários dos trens eram adequados às horas de entrada e saída dos trabalhos, do centro para o subúrbio¹⁸. Na década seguinte o processo de ocupação da faixa suburbana até Cascadura aumentou levando à criação da estação de trem de Madureira em 1890, entre outras. O processo de ocupação dos subúrbios desde então se intensifica cada vez mais por fatores não só de aumento populacional, mas pelo impacto da industrialização crescente na cidade, alto valor dos terrenos no centro e zona sul etc. No bojo desse processo, num segundo momento do aumento da industrialização, em 1930, a expansão das indústrias para os subúrbios leva junto mais infraestrutura e mais empregos, permitindo que mais mão-de-obra se instale nas áreas próximas às indústrias. Abreu

¹⁸ De acordo com Mezabarba (apud in Palen, 2012), a origem do prefixo “sub” do subúrbio tem uma relação inicial com a dependência econômica das cidades grandes. O subúrbio seria uma espécie de “apêndice das cidades grandes”, não havendo, portanto, uma relação direta com as pessoas que escolheram viver ou que para lá foram por uma imposição financeira. A autora defende a existência de uma especificidade para o termo subúrbio utilizada pelos cariocas, que não passa mais pela ideia de apêndice ou de distância ao mar, mas por um *ethos* suburbano. De acordo com Ribeiro (2013), a palavra subúrbio sofreu transformações em seu sentido durante o século XIX e XX, pois se inicialmente referia-se apenas às áreas periféricas da cidade sem associar a ela um sentido pejorativo, após as reformas urbanísticas, subúrbio passa a compreender basicamente áreas do entorno da linha férrea e bairros populares, incorporando ao termo significados a partir da localização, predominância da população menos favorecida e dependência com o centro da cidade, logo, a transformação do termo está ligada ao “desenvolvimento de uma ideologia do habitat no Rio de Janeiro”.

Corroborando a relação entre definições do espaço e associação a valores e estilos de vida, podemos ver no Anexo 3 como o subúrbio hoje pode englobar bairros da zona norte e zona oeste, mas nem todos os bairros da zona norte e oeste fazem parte do subúrbio. Essas configurações espaciais são contextualmente afirmadas ou reconstruídas a partir de quem fala e do lugar de onde se fala. A essa perspectiva territorial soma-se também uma visão cultural, tendo em vista que hoje o termo subúrbio refere-se muito mais às práticas sociais e estilos de vida do que propriamente ao território. A autora acrescenta que não se pode colocar num quadro fixo essas características, pois pensar a construção do subúrbio e das representações que lá circulam é pensar nos tantos arranjos possíveis de configuração e de influências que este território recebe constantemente. Segundo Maia e Chao (2014) o sentido de subúrbio no Rio de Janeiro tem características que fogem da ideia original de sub-urbano, pois integram num só espaço aspectos do moderno e do tradicional, ressignificando constantemente os espaços. Para Heilborn (1984), aspectos externos e históricos podem influenciar na autoimagem que o suburbano tem de si, como o fato de o subúrbio ser comumente associado a um espaço nostálgico porque é colocado em posição de esquecimento e avesso ao progresso, muitas vezes, tornando-se “guardião de tradições populares”. Assim, a identidade social do grupo é um forte aspecto que deve ser refletido pelo antropólogo.

destaca como em trinta e dois anos o bairro transformou-se e progrediu em relação a sua estrutura – o que impactou na fisionomia urbana do bairro, transformando-o num lugar mais “aprazível”.

Acompanhando esse movimento ocorrido do centro e zona sul para o subúrbio, desde o início do século, surgem as primeiras favelas do bairro de Madureira. É nessa população que encontraremos posteriormente o jongo e samba, com a fundação das escolas de samba Portela e Império Serrano. Apesar de aparecerem no mapa de representação social como escolas de samba de Madureira, a Portela fica em Oswaldo Cruz, a Portelinha em Turiaçu e a Tradição em Campinho (todas regiões administrativas de Madureira, mas bairros diferentes). Apenas a Império Serrano localiza-se em Madureira. Todas as escolas integram o quadro de representações que se tem do bairro em relação ao samba, e não podemos desconsiderar isso, contudo, é interessante observar que geograficamente elas ocupam outros espaços, mas configuram um mesmo território quando a referência é o samba.

A valorização dessas terras se dá devido à localização próxima aos centros de trabalho e serviço (ABREU, op. cit.). Contudo, apesar da *periferia imediata* estar na área contígua ao *núcleo* do Rio de Janeiro, ela não conta com os mesmos privilégios que a zona sul: condições ambientais (parques naturais, praias e etc.), infraestrutura, sistema de transporte e equipamentos sociais de qualidade inferior ao *núcleo*.

No início do século XX essa polarização já estava presente na configuração e nas representações sobre os espaços cariocas que estavam em expansão: “Trem/subúrbio /população de baixa renda eram sinônimos que se contrapunham à associação bonde/zona sul/estilo de vida moderno”. Em um de seus trabalhos sobre Copacabana, O’Donnell (2014) retrata a visão que os próprios moradores têm do bairro e como essa imagem está ligada a pré-concepções de modelos estéticos¹⁹. A autora retrata que através de uma série de produções de imagens e discursos que tornaram Copacabana a essência da elegância, o bairro é construído como equivalente do moderno, com uma população de hábitos saudáveis e boas residências. Essas características são percebidas como essencialmente

¹⁹ A autora trabalha com noções-chaves apresentadas por Gilberto Velho, por isso, apesar de discordância cronológica apresentada neste trecho, é sabido da influência de Velho sobre a autora.

naturais do bairro e contrastam com o que a autora chama de sua “máxima oposição simbólica”: o subúrbio. Assim, a percepção dos moradores entrevistados por O’Donnell parece enfatizar o bairro como centro da vida urbana da cidade e representa a tradução dos valores sobre os quais a elite de Copacabana buscava construir e difundir sua identidade: “a influência do meio sobre o espírito humano (...)reforçando os princípios de uma imagem identitária, fundamentada na construção de uma distinção que se parecia auto evidente. Entrelaçando habitat, território e individualidade” (O’Donnell, 2014:14).

Atento à heterogeneidade do bairro de Copacabana, Velho ([1973] 2014) discute a visão de mundo de um dos grupos sociais que residem no bairro percebendo as diversas formas de representação social na zona sul, especificamente a classe média, os *white-collars*²⁰. O autor presenciava o crescimento do bairro e as consequências dessa superlotação, caracterizada por pessoas que vinham de outros bairros e subúrbios, registrando as formas de representação social através de três variáveis: estratificação social, residência e ideologia. Essas representações sociais não podem de forma alguma ser isoladas do restante do universo investigado, pois é parte de uma estrutura social complexa que se relaciona com outros setores da sociedade.

Para Gilberto Velho, seus entrevistados acreditavam ser autores de suas vidas e atribuíam a sua ascensão ao fato de terem conseguido morar em Copacabana, logo, símbolo de prestígio social. O autor constata que a “visão hierarquizada dos bairros e da sociedade permanece como um fator de estímulo ao deslocamento espacial, a novas despesas e investimentos” (VELHO, 2013:31). Assim, a simples mudança de bairro pode ser interpretada como ascensão social, mesmo não havendo alteração de renda ou de ocupação desses sujeitos. A relação desta representação “com a imagem de uma sociedade hierarquizada com um certo grau de fluidez” relaciona-a a uma sociedade capitalista onde os padrões materiais e não materiais acompanham a urbanização enfatizando determinados padrões de consumo.

Refletindo a partir dessa polaridade, somadas a planos urbanísticos que buscavam adequar a cidade do Rio de Janeiro a uma fisionomia condizente com as aspirações

²⁰ Noção que define o objeto de investigação a partir de uma caracterização ocupacional

políticas e econômicas das elites, zona sul e centro sofreram reformas urbanas enquanto outras áreas da cidade eram esquecidas. Na tentativa de solucionar contradições espaciais, novas contradições foram e são geradas. O subúrbio passa a marcar a desigualdade de estrutura de bens e serviços urbanos. Muitos moradores – que não se enquadravam nos moldes das políticas de urbanização para a construção da cidade moderna dos políticos, gestores e empreendedores imobiliários – que em algum momento foram expulsos de áreas com potencial imobiliário, mudaram-se para o bairro ou mesmo para favelas²¹. Portanto, desde sua origem, a estruturação do espaço carioca sofreu os efeitos da expansão da metrópole em sua relação com um processo de estratificação socioespacial.

As diferentes regiões da cidade passaram por diversos processos sociais de construção e segregação espacial que culminaram na sua intensificação depois de 1964. A valorização, manutenção e distribuição da malha ferroviária permitem pensar os meios de transporte como exemplos dessa estratificação espacial. Cito os transportes como um recorte neste momento, pois condições de habitação, saúde e lazer também foram e continuam sendo condições para classificar em classes sociais e distribuí-las no espaço urbano. Neste mesmo sentido, alguns planos de ação do governo ainda intensificaram o processo de estratificação social no Rio de Janeiro, pois também estava em jogo a imbricada relação entre política e interesses econômicos.

É a partir do reconhecimento desses processos sócio-históricos de uso e ocupação do espaço que podemos apreender as diferentes lógicas em jogo na construção de uma “cidade olímpica” para receber turistas e investimentos, assim como entender os discursos acerca da reformulação ou valorização de determinados espaços, incluindo repensar a malha rodoviária e metroviária, espaços de lazer, “pacificação” de favelas, entre outras ações que vêm ganhando destaque nas políticas atuais.

2.2. Descobrimo Madureira: representações sociais, práticas e redes no bairro.

²¹ Após 1960 já é possível contabilizar um aumento da população suburbana favelada de 200% em Madureira. (ABREU, 2013)

O sentimento de pertencimento a um bairro diz respeito às experiências vividas por seus habitantes e às suas interações com outros lugares e situações. Moradores de determinado bairro suburbano podem acreditar que ser suburbano é ter um forte envolvimento com seus vizinhos, isto é, associam as redes de solidariedades criadas à imagem de subúrbio e tradicional. Contudo, a definição de “tradição” vinculada a bairros do subúrbio carioca pode variar conforme o bairro em questão. Isto é, mesmo que o subúrbio tenha uma imagem estigmatizada pelas relações sociais tradicionais e que muitos moradores do subúrbio acreditem que esses vínculos sociais são mais fortes nesses espaços, o acionamento dessas características não é automático e a referência a alguns bairros suburbanos pode levar em conta outras questões como lazer ou comércio, por exemplo.

Hobsbawm e Ranger (1997) acrescentam que muitas vezes tradições que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. Assim, na medida em que há uma referência com um passado histórico, as “tradições inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Essas práticas de natureza simbólica ou ritual pretendem inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição. Nesse sentido, atentar para origem dessas práticas no bairro demandaria um outro recorte, não sendo este nosso objetivo.

Cordeiro e Costa (1999), escrevendo sobre os bairros populares de Portugal realizam uma definição interessante que podemos transpor para a construção da ideia da tradição dos bairros suburbanos. Os autores entendem que os bairros são considerados *típicos* por serem representações que integram a própria realidade social da cidade. “Representam a cidade, a sua memória, a sua história, o seu povo e sintetizam um conjunto de temas e comportamentos culturais específicos” (p:59).

Muito da construção da realidade social de um bairro pode ser produzida externamente e incorporada pela população local. Assim, o estudo das formas de sociabilidade pode nos dizer mais não somente sobre as representações associadas à Madureira, mas sobre como os grupos se apropriam e recriam imagens que representavam o bairro. Outro aspecto a se destacar diz respeito às representações veiculadas através da mídia e outros discursos hegemônicos, que por vezes reificam

formas de classificar a vida e as relações. A presença e a circulação de uma representação não indicam o que ela é de fato para seus usuários. Segundo De Certeau (2014), é justamente a maneira de utilizar os sistemas já existentes que configuram a resistência à lei histórica de um estado ou legitimações dogmáticas. Nesse sentido, parece que explicar um lugar ou tentar entender o estilo de vida das pessoas desse lugar não pode se dar apenas pela reprodução destas representações, mas pela prática que dela escapa e ressignifica.

No meu campo e na vida cotidiana, isto significa os usos possíveis dos espaços e de estilos de vida que os sujeitos são capazes através das *táticas* que eles próprios elaboram, isto é, a agência dos sujeitos, o seu poder de decisão, o que implica na construção da imagem dos grupos e dos sujeitos. Logo, onde a representação nivela dados coletados, a prática organiza descontinuidades, sistemas de usos e operações heterogêneas que são situacionais. Esse tipo de prática não seria possível sem o acionamento das memórias que, para De Certeau, são deslocáveis e mutáveis, o que possibilita acioná-las dentro de contextos específicos. Assim, alteradas pelas conjunturas, as memórias só se tornam permanentes quando passada essa ocasião.

Organizados em coletividades é que podemos observar a interação através de uma rede de significados, dentro de um *sistema compartilhado* de crenças e valores. A essa consistência soma-se um outro nível de entendimento necessário, o da sociabilidade no estilo de vida metropolitano, caracterizado pela grande quantidade e diversidade de estímulos.

A partir dessa abordagem, os diferentes gêneros musicais surgem como possibilidades para a construção de redes em Madureira. O samba aparece no bairro como atividade que agrega pessoas de diferentes trajetórias, classes sociais e lugares, permitindo observar a sociabilidade em um bairro pela música.

Além do samba e do jongo, outros gêneros musicais possibilitam a construção de um rede em Madureira. Para Freire (2014) o gênero musical charme tem seu principal local de prática e consumo em Madureira, onde ocorre há mais de 24 anos embaixo do viaduto Negrão de Lima, lugar onde funciona um estacionamento durante a semana. O

evento se mantém financeiramente através da bilheteria e venda de bebidas durante o baile.

O gênero chega ao subúrbio carioca nos anos de 1970, com bailes inspirados nos negros americanos e na sua luta pelos direitos civis. Em 1976 os bailes foram proibidos pela ditadura militar por reunirem grande quantidade de negros e levantando a suspeita de ser um movimento social (Freire apud Vianna, 2014). Após um período de enfraquecimento, o movimento se desfez, mas os bailes continuaram sob a denominação de baile charme, onde se realizava campeonatos com equipes de dança coreografadas, ao som de hip hop e soul.

Os bailes tinham como slogan “O maior e melhor baile charme e hip hop do Rio” e quando passaram a ter apoio municipal receberam novo nome: Espaço Cultural Rio Charme, que se mantém até hoje. O apoio do município ao baile charme aparece também numa publicação do diário oficial que considera o baile uma “invenção genuinamente carioca”, cadastrando-a como bem cultural da cidade²². Freire (op. cit) conclui que os bailes charme possibilitam sociabilidade entre seus frequentadores que se identificam enquanto grupo.

O financiamento do baile charme no Parque Madureira não vem da prefeitura, mas dos próprios quiosques que contratam o evento. Conversando com o organizador do baile charme no viaduto de Madureira, que é o mesmo organizador do baile no Parque, é possível perceber como o evento é organizado para atrair um público que possa render verba para os organizadores:

todo mundo que está aqui conhece o charme do viaduto. O baile do viaduto tem 55 anos de existência. Então todo mundo que gosta de charme conhece o viaduto. O estilo é diferente, lá toca um pouco mais de hip hop, lá é para um público mais jovem, aqui você pode ver que jovem tem pouco. O nosso foco é o público mais “cascudo”, porque o nosso interesse é que o público gaste no quiosque, para o quiosque poder pagar a gente. Então o jovem consome muito pouco, o cascudo já quer logo o balde. (Wagner, organizador do Baile Charme)

²² DECRETO Nº 36803 DE 27 DE FEVEREIRO DE 2013

Outro espaço muito frequentado em Madureira é a Praça Paulo da Portela, local de realização da Feira das Yabás²³, situado num espaço simbólico da região chamado “Grande Madureira”, reafirmado pelos antigos encontros de compositores, personalidades do samba e onde está situada a sede da Velha Guarda da Portela.

Esta área do bairro é ocupada majoritariamente por residências e pequenos comércios, diferentes do “centro” de Madureira, onde há uma presença muito grande de comércio/comerciantes e consumidores – não necessariamente moradores. A Feira é um evento que exalta a gastronomia *afrocarioca*²⁴, em homenagem às matriarcas de Madureira – mulheres com destaque na comunidade que têm uma estreita relação com compositores, personalidades do samba e das artes de Madureira. Segundo Maia e Chao (op. cit.), algumas Yabás vestem roupas típicas afro-brasileiras, simbolizando a memória, tradição, religião e a resistência dos negros no Brasil e vendem pratos típicos da culinária *afrocarioca*, além de roupas e artesanatos, expostos em barracas patrocinadas pela iniciativa privada e com o apoio de órgãos públicos.

Para os autores, os laços de sociabilidade gerados na feira e o “sentimento de pertença”²⁵ é o que mais atrai seus frequentadores – moradores em sua maioria. As representações que surgem neste espaço, para essas pessoas, são incorporadas como símbolo de uma existência, gerando um vínculo forte entre seus participantes, que se apropriam do bairro e desta representação, ressignificando-a a partir as diferentes práticas. A Feira das Yabás, assim percebida pelos autores,

é um evento que se (re)significa como território de diversidade e pluralidade de símbolos, costumes e tradições, pois oferece muito além de pratos típicos da culinária carioca – resgata a memória de sambistas e outras personalidades da história cultural, reverencia a cultura do jongo nas apresentações habituais e favorece o espaço musical para novos e conhecidos artistas. (Maia e Chao, 2014:5)

²³ O termo “Yabá” refere-se à língua iorubana do dialeto africano (Maia e Chao, 2014)

²⁴ Os autores não explicam a origem do termo *afrocarioca*, mas pesquisando pelo termo na internet é possível encontrar muitos sites e atividades denominados *afrocariocas*. Um desses sites fala especificamente sobre a gastronomia *afrocarioca*: <http://www.fdy.com.br/gastronomia/>

²⁵ MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.

Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

Certa vez, conversando com um frequentador do Baile Charme no Parque Madureira que também frequenta a Feira das Yabás, sua perspectiva da feira é muito mais religiosa do que outra coisa. Para ele a maioria dos frequentadores da feira tem uma ligação forte com religiões de matrizes afro e a partir dessa ligação, outros aspectos culturais são evidenciados na feira. Apesar da proposta da feira, os frequentadores encontram formas para utilizar este espaço não só reforçando essas representações, mas levando novos usos, maneiras de agir e perceber a feira. Um bom exemplo deste fenômeno são as pessoas que levam de casa o próprio almoço, barraca e cadeira, reforçando assim a ideia de que a sociabilidade na feira e as relações que dela resultam são significativas para atrair o público. Trata-se de novas maneiras de significar, a partir da possibilidade de uso dos “espaços em branco”, transformando esses lugares em epicentros de sociabilidade, memória e tradição.

Contrariamente a discursos que enfatizam a escassez dos subúrbios ou de regiões mais periféricas da cidade, encontramos diferentes aparatos de lazer e sociabilidade no bairro. Construído em 1989, o Madureira Shopping também possibilitou a formação de novas redes de relações em Madureira. Segundo Soares (2000), o Shopping “representa um marco estético para localidade, trazendo signos como beleza e modernidade, em oposição ao “avacalhado”, feio e antigo”. O autor demonstra que o Madureira Shopping traz elementos para os consumidores que os atraem pela semelhança com a *casa*. Assim, considerando a sociabilidade, os serviços, a segurança e as lojas, o autor considera que esses elementos estão pautados em esferas de significação da família e amigos, conforto e proteção. Até mesmo nas propagandas de 1999 observadas pelo autor²⁶, o marketing não é voltado para o consumo, mas para o sentimento de pertencimento e inserção local que as relações no shopping podem oferecer. Trabalhos como esse reforçam estereótipos ao reproduzirem a imagem da tradição do subúrbio em contraposição à modernidade do centro e zona sul.

Preocupados em adequar o Shopping às tendências e “necessidades” dos seus consumidores, os administradores do shopping investiram também em atividades de lazer e recreação, lotando a programação diariamente do shopping com eventos para divertir e

²⁶ Atualmente, no que pude observar, os anúncios ainda trabalham com essa abordagem.

entreter as pessoas. Soares acredita que essa proposta recria a cidade ideal, por ser mais que uma proposta estética e econômica, mas também política, na medida em que não possuindo essa oferta em espaços públicos de lazer, os cidadãos recorrem a espaços privados.

Entender a relação que os diversos grupos estabelecem com os espaços oferecidos e acessíveis em Madureira é interessante para pensarmos que muito disso é levado para o Parque Madureira, não só pela apropriação de tradições e práticas locais por parte da gestão do parque, mas pelos próprios frequentadores, que também levam seus costumes e constroem nesse ambiente uma relação ambígua entre ações permitidas e não permitidas, planejadas e ressignificadas, como veremos a seguir.

Capítulo 3 | Etnografando o Parque Madureira

3.1 O Projeto do Parque: entre planejamento estratégico e território lúdico

O Parque Madureira foi construído em 2012 a partir do projeto de arquitetura, urbanismo e paisagismo desenvolvido pelo escritório de arquitetura Ruy Rezende Arquitetos (RRA) desde 2010, reforçando uma lógica de equipamento público sustentável, requalificação ambiental, recuperação ambiental e educação sócio-ambiental. Segundo enfatizam os idealizadores do projeto, o Parque foi o primeiro equipamento público no Brasil a conquistar o certificado ambiental AQUA²⁷.

O Parque foi projetado dentro de uma política “ecologicamente correta”, pós Rio+20, a fim de se alinhar a um projeto de cidade planejada, isto é, as cidades planejadas incorporam como características aspectos do desenvolvimento sustentável²⁸, como a cooperação internacional, mudança dos padrões de consumo, proteção da atmosfera, conservação da diversidade biológica, entre outros²⁹. O intuito é que esse pudesse ser o primeiro espaço construído pela Prefeitura do Rio de Janeiro totalmente sustentável. Assim, há regras de sustentabilidade seguidas pelos locatários dos quiosques, pelos “usuários” e pela própria gestão do Parque como, por exemplo, não ser permitida vendas de garrafas de vidro, venda de coco (água de coco apenas em copo), os quiosques não podem vender fritura, a água é reutilizada, a iluminação da expansão é “inteligente” (aumenta quando alguém passa e diminui quando não tem ninguém por perto), entre outras medidas.

Quando comecei a minha pesquisa, o parque possuía 1,3 km (Foto 2), figurando como o terceiro maior da cidade, atrás apenas do Aterro do Flamengo e da Quinta da Boa Vista. Aos finais de semana recebe cerca de 20 mil pessoas/dia, segundo seus

²⁷Sobre as características da certificação AQUA consultar www.inmetro.gov.br/painelsetorial/palestras/Processo_Certificacao_AQUA_Alta_Qualidade_Ambiental_Manuel_Martins.PDF

²⁸ Destaque para a sustentabilidade ambiental (manutenção do ecossistema), sustentabilidade econômica (o lucro deve ser medido também na vertente ambiental, logo, os elementos naturais passam a ter valor) e sustentabilidade sócio-política (equilíbrio social ou humanização da economia).

²⁹ http://www.catalisa.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=30&Itemid=59

administradores e informação disponibilizada pelo site oficial do Parque. Após a primeira etapa de expansão, concluída em 2015, chegou aos 4,5km e quando estiver totalmente concluído, passará por mais oito bairros: Turiaçu, Oswaldo Cruz, Rocha Miranda, Bento Ribeiro, Honório Gurgel, Marechal Hermes, Coelho Neto e Guadalupe, chegando às margens da Avenida Brasil³⁰. Nos espaços já construídos está proibida por lei qualquer reforma que mude as características do local. A lei³¹ torna o Parque Patrimônio Histórico e Cultural do Estado e tem por objetivo, segundo seus autores, “a preservação da cultura, do esporte a memória de toda a população fluminense”.



O Parque de Madureira, no subúrbio do **Rio de Janeiro**, foi inaugurado neste sábado (23). O parque, que passa a ser a terceira maior área verde da cidade, ocupa uma área próxima à linha do trem e era uma reivindicação antiga dos moradores do bairro, como mostrou o RJTV. E, em tempos de Rio+20, o Parque de Madureira teve um projeto sustentável, e foi construído pensando em reaproveitar a água e economizar energia elétrica.

Com 93 mil metros quadrados, área equivalente a 12 campos de futebol, o Parque de Madureira só é menor do que o Aterro do Flamengo e a Quinta da Boa Vista. Foram plantadas 432 árvores e há lagunhos e chafarizes. O parque tem brinquedos, uma biblioteca virtual, ciclovia, quadras poliesportivas, de futebol society e também de vôlei de praia, além de equipamentos de musculação. Além disso, o parque também conta com uma pista de skate que impressionou até profissionais do esporte.

As paredes e o teto das construções vão ser revestidos de vegetação, como no Centro Educativo Ambiental, o que ajuda a diminuir a temperatura do lado de dentro. Em cima de cada um dos telhados vai haver um sistema de captação de água da chuva, que vai ajudar a irrigar toda a área verde. A iluminação vai ser com lâmpadas “led”, muito mais duráveis e econômicas.

³⁰ A expansão do Parque vem sendo desenvolvida pela mesma empresa de arquitetura que elaborou o projeto inicial de 2010, Ruy Rezende Arquitetos.

³¹ LEI Nº 7239 DE 23 DE MARÇO 2016

Parque estimula vocação de Madureira para o desenvolvimento sustentável

Ampliação vai transformar o local na segunda maior área de lazer da cidade, atrás apenas do Aterro do Flamengo

POR STÉFANO SALLES
17/06/2016 5:00



RIO - Há bem pouco tempo, a identidade de Madureira com o verde se limitava às cores do pavilhão da Império Serrano. Mas, lentamente, a partir de 2012, a paisagem do bairro começou a mudar, com a inauguração do Parque Madureira, um dos legados da Conferência Rio + 20. Com mais de 90 mil metros quadrados e repleto de vegetação, ele é a terceira maior área de lazer da cidade, atrás apenas do Aterro do Flamengo e da Quinta da Boa Vista e deve ganhar em breve novos matizes que o deixarão belo como a “Aquarela Brasileira”, o antológico samba da escola da Serrinha composto por Silas de Oliveira para o carnaval de 1964.



Figura 1: As reportagens³² acima evidenciam como a imagem do Parque é vinculada a ideia de um espaço “mais verde” de lazer para Madureira.

Percorri espaços em Madureira e pude fazer observações sobre o bairro, mas como começar a pensar o Parque, sua criação e interferência nas dinâmicas do bairro e nos processos de significação desse espaço? Uma chave de leitura interessante está na tendência contemporânea de transformar os espaços em *territórios lúdicos* (BAPTISTA, 2005). Territórios lúdicos são os lugares construídos ou elaborados para serem usados como espaços de entretenimento e de consumo programado, acompanhando uma tendência que amplia e diversifica a lógica de apropriação resultante dos processos de

³²<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/parque-estimula-vocacao-de-madureira-para-desenvolvimento-sustentavel-16170402> e

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/06/com-projeto-sustentavel-parque-de-madureira-e-inaugurado-neste-sabado.html>

urbanização³³. A concepção de território lúdico é atravessada pelo conceito de usufruto lúdico, que é transversal aos espaços físicos das sociedades contemporâneas (op. cit.).

O uso de conceitos como *território lúdico* contribui para (re)equacionar os usos múltiplos que os agentes diversamente envolvidos em vários territórios dão a tais contextos na relação social. É nesta encruzilhada que as identidades locais ficam enredadas. Ocorre um movimento pró-adequação ao modelo de vida lúdico crescente cada vez mais nas sociedades ocidentalizadas, acerca da industrialização do tempo livre, que se liberta do tempo trabalhado, mas se integra na “lógica de total programação dos tempos cotidianos”. Grosso modo, essa concepção encontra espaço ideal em sociedades democráticas de países desenvolvidos que tem acesso a bens econômicos e sociais e expectativas de conforto individual estendidos à maioria da sua população. Mas também vem sendo apropriada por projetos em outras formas de configuração sociocultural como cidades de países em desenvolvimento.

A experiência que se tem com a vida lúdica pode variar de uma sociedade para outra, dependendo muito dos estímulos que elas recebem através dos instrumentos de divulgação dessa perspectiva, como TVs e internet. Nessa mesma perspectiva, os anseios individuais são estimulados cada vez mais, direcionando seus produtos e marketing para o incentivo da capacidade e do direito que estes sujeitos têm de desenvolver suas habilidades e também de serem recompensados. É uma perspectiva que enxerga o sujeito muito mais como consumidor de um meio de vida do que um cidadão. Quando realizado plenamente, o que teoricamente só depende dele, a sua individualidade é intensificada, ao mesmo tempo em que ficam cada vez mais satisfeitos e estabilizados.

A ilusão do acesso universal aos bens lúdicos ou ludicamente usados e distribuídos não faz desaparecer as desigualdades sociais e econômicas mas pode produzir esse efeito de antídoto que pode estabilizar as possibilidades de revolta social. O american way of life, modelo em exportação para todo o mundo, certifica o futuro do capitalismo graças à forma lúdica como é promovida a globalização econômica: o mundo McDonald, o mundo Disney, o

³³ Reforçando a concepção do Parque como espaço para lazer, tendo em vista o discurso público ver: <http://oglobo.globo.com/rio/do-flamengo-madureira-15461743>

mundo da Internet são um mesmo mundo - o da competição, do dinamismo, da diversão. A festa, a diversão, o prazer, a descontração são sinónimos de realização pessoal, de sucesso na vida e funcionam como estímulos a difundir globalmente. Sabemos contudo que a distribuição não é igualitária e que a desigualdade no acesso a essa possibilidade de vida em festa permanente está reservada aos privilegiados que são alvo da gula mediática de outros, sobretudo, dos despojados desse bem universalizado - o capital lúdico. (BAPTISTA, 2005: 93)

O lúdico é incorporado por muitas esferas da vida social para que desta forma seja apropriado pelo sujeito. As próprias atividades profissionais passam a ser organizadas e pensadas de forma a assegurarem as condições para o desenvolvimento de interrupções do trabalho destinados à atividade física, à programação cultural. Trata-se da dominante ideologia das férias, do descanso necessário para evitar o estresse do cotidiano, cultuando o tempo livre. Se como um produto, os mais ricos podem consumir este ideal, aos mais pobres resta exigir que se cumpra os direitos de cidadãos.

A lógica de uma *sociedade-espectáculo*³⁴, cheia de competições, de campeonatos e de campeões (cada um de nós poderá ser um deles) desenvolve uma visão da vida social e das relações sociais a partir de seus próprios recursos, tão logo, o planejamento estratégico mais exequível é aquele que preza pela rentabilidade do projeto: a criação de espaços e ideias que podem ser utilizados com a maior frequência possível. “Os grandes eventos estão todos eles inseridos nesta dinâmica, associados a “situações de exceção”, sejam a Expo-92 de Sevilha, a Cidade Olímpica de Barcelona, o Parque das Nações de Lisboa, e envolvendo a renovação e a reordenação das partes da cidade para os (novos) consumidores” (SÁNCHEZ, 2007).

Essas formas territoriais concebidas para usufruto lúdico organizam-se segundo planos que derivam de uma sistemática programação e são inseridas em contextos territoriais que permitem a sua disponibilização cotidiana ou ritual, contribuindo para novas formas de relação das populações com os lugares. Nessa lógica, as identidades

³⁴ Sobre a problemática de espetacularização, ver, por exemplo, DEBORD, Guy (1997 [1967]). A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto.

locais, possibilitadas pela valorização da tradição cultural, são reinventadas e tornam-se tão mais estimulantes quanto ganhem em visibilidade e em capacidade de se dar a conhecer.

Baptista (op. cit.) destaca que a fascinação que todos parecem nutrir pelas atrações locais, “paisagísticas, gastronômicas e edificacionais”, reinventam os lugares quando vistos sob o ponto de vista lúdico. Há a pretensão de concebê-los como objetos lúdicos, atraentes e únicos na medida em que têm algo a revelar de particular quanto à sua história, à sua fisiologia, à sua atualidade. Martins (2011) acrescenta que essa concepção do lúdico opera uma alteração significativa na organização funcional e econômica dos territórios urbanos, orientando-os no sentido da promoção do consumo, compreendidos sob aspectos da territorialização do consumo e do lazer entendidos como direitos sociais nas sociedades contemporâneas.

Para uma cidade atenta e interessada na concepção lúdica, é preciso que novos espaços sejam incorporados não só à cidade, como nas práticas sociais na cidade. Nesse sentido, criar um espaço lúdico em Madureira é fortalecer discursos vinculados a construção de sua própria “tradição” (ou de novos costumes). No bojo desse processo, parece haver a tentativa de suplantar modelos de sociabilidade ancorados na ocupação dos espaços públicos, nas ruas, esquinas, praças como práticas desse lazer cotidiano para os espaços ou tempos específicos como os parques em horários de finais de semana.

No espaço onde hoje está o Parque Madureira, os moradores criavam suas próprias dinâmicas de convivência, lazer e trabalho, desde pracinhas a brincadeiras e jogos na rua ou mesmo o cultivo de hortaliças. A construção do Parque busca propagar a ideia (equivocada) de que agora sim Madureira tem um equipamento urbano de lazer, educação e cultura que represente o bairro, como se antes as sociabilidades locais e práticas culturais não fossem legítimas ou a altura do modelo de bairro que se pretende condizente à cidade.

Para que o Parque pudesse ser construído, uma comunidade precisou ser removida. A comunidade “realocada” chama-se Vila das Torres³⁵ e era conhecida pela produção de uma horta, que ocupava toda a extensão das torres de energia³⁶. Segundo o Dossiê Megaeventos (2014: 19), “trata-se de uma política de realocação dos pobres na cidade, a serviços de interesses imobiliários”. Essa política tem sido implantada de forma desrespeitosa, pois não dialoga com os moradores, apenas informa a “realocação” para áreas periféricas, quando esta já tem um prazo para ser cumprido.



Figura 2: Horta da comunidade Vila das Torres

O Comitê Popular registra que as remoções começaram em 2010, com a justificativa da construção do Parque como legado para a cidade e integração ao projeto do BRT. A remoção foi concluída em 2013, totalizando 1.017 famílias. As indenizações

³⁵ A princípio nem todas as casas construídas ao lado da linha férrea, sob as torres de energia, eram consideradas parte de Vila das Torres. Com a realocação das casas, a extinta associação de moradores cadastrou todos os moradores como parte da Vila para que pudessem receber as indenizações (SOUSA, 2015).

³⁶ Os agricultores começaram um processo de habitação nas terras entre a linha férrea e o terreno da Light devido a facilidade de transportar suas verduras até o centro da cidade preservando a condição dos alimentos (SOUSA, 2015).

variaram entre R\$ 8 mil e R\$ 17 mil ou a possibilidade de um realojamento em um conjunto habitacional em Realengo, composto por 290 unidades, logo, insuficiente para a demanda.

ANTES



DEPOIS



Alguns moradores da comunidade Vila das Torres ainda permanecem ao lado do Parque Madureira, isso porque a extensão do projeto do Parque não alcança a área aonde ainda residem outros moradores, caso contrário, caso fizesse parte do projeto, é provável que não permanecessem ali. Alguns desses moradores trabalham com os alimentos produzidos pelo que sobrou da horta.

Conversando com um morador sobre esse processo de “realocação”, ele destaca o sentimento da pressão sofrida por eles por parte da prefeitura. Segundo Kleber, todas as casas foram marcadas com a sigla SMH, contudo, depois que o Parque foi construído, as casas que não faziam parte do projeto do Parque foram esquecidas.

Ainda segundo seu relato, certa vez a defesa civil interditou uma dessas casas por risco de desabamento e pediu para que os moradores saíssem. A casa acabou caindo e prejudicando a estrutura das casas ao lado (Foto 3). A prefeitura então demoliu todas as outras casas adjacentes. Após essa situação, os moradores afetados procuraram órgãos responsáveis para saber da indenização que receberiam na época da construção do Parque e foram informados de que a verba que seria destinada para todos os moradores que ainda seriam “realocados” havia acabado. Logo, ninguém mais sairia de lá, muito menos receberia algum dinheiro. Kleber classifica essa atitude como “covarde”, pois depois de “colocar terror” nos moradores dizendo que tinham que sair logo da comunidade, prestaram um mau serviço ao demolirem casas e não pagaram qualquer indenização aos moradores. Ele diz:

está vendo que vai cair, “vamos demolir, vamos tirar”, condenaram e deixaram a casa pra casa cair. A casa caiu, afetou a do lado. Se tivessem retirado, ta condenado vamos retirar, não teria afetado as casas do lado. E aqui foram 13 famílias prejudicadas e afetadas por causa disso. Porque o cara não pode chegar e demolir, eles tem como fazer mas não fizeram, esperaram cair pra dar ibope, veio helicóptero, chamaram tv. Ou seja, um serviço mal prestado. Tem que fazer, faz direito, “está condenado, mora ninguém não” vira as costas e vai embora. Depois que caiu vem e demole as outras, então não demole não cara, deixa ai que a gente vai consertar



Figura 3: O que restou e o que resistiu da Vila das Torres

Kleber trabalha como ambulante num espaço entre a comunidade e o Parque. Esse espaço antes das obras era ocupado por muitos ambulantes vindos de diferentes lugares do Rio de Janeiro, mas agora apenas os moradores do que sobrou da Vila podem trabalhar ali. Essa medida foi uma negociação entre “um responsável do Parque” e o “líder” da Vila para que o espaço “não virasse bagunça”.

Questionei Kleber se esse líder era da associação dos moradores, mas sua resposta foi a seguinte:

Aqui não tem nenhum valente não, mas você sabe que em toda comunidade tem um líder, uma liderança. Uma pessoa que você vai procurar, “pô cara, estou com um problema lá com o meu vizinho”, tem, não vou te dizer que não tem. Mas não é miliciano, não é nada. Um cara que se impõe e é antigo, o pessoal respeita e ele dá suporte pra gente. Não tem nada a ver com milícia, nem com guarda, o rapaz é respeitado!

Esse “líder” é visto por Kleber como alguém responsável por manter a ordem na comunidade. Com muito orgulho ele me contou como os próprios moradores se organizam, não permitem venda de drogas na comunidade e que este é um lugar seguro e tranquilo. Eventualmente quando acontece algum caso de furto, segundo ele, o fato não se dá dentro da comunidade, mas eles mesmos acabam segurando os assaltantes e entregando para os guardas do Parque.

Para Kleber, apesar dos moradores serem unidos e organizados, a presença de nordestinos na comunidade é a razão de terem dois grupos lá dentro: um de nordestinos, que para ele é o grupo dos mais calados e discretos; e outro, de não nordestinos, que para ele são os brincalhões e festeiros.

Eu vim de outro ambiente, mas me adaptei super bem, pelo fato que é, assim, se não teria procurado outro lugar. Mas eu sou um peixe fora d'água. Nem por isso que eu te falei, mas porque o pessoal nordestino que mora aqui é muito fechado, eles não se aproximam da gente e a gente ao mesmo tempo deixa correr solto. Mas aqui todo mundo é conhecido, todo mundo é amigo, os garis sabem meu nome, o carteiro sabe meu nome, "Seu Kleber, vou pegar o lixo". Ai o cara vem e quer acabar com uma coisa dessa, te meter lá em santa cruz da serra. Tu cria seus filhos, seu filho acabou comprando um terreninho ali e fez a casinha dele, teve a família dele toda aqui e os netos, ai depois eles vem e demolem, mandam meu filho pra santa cruz e me mandam pra Piabetá, destrói com a família do cara! Isso eles não pensam, o lado social da coisa.

(...)

Vamos fazer um churrasquinho? Vamos! Bota uma tenda ai. Coisa pra gente, as criancinhas curtindo, quem chegar chegou, tem cerveja pra vender, mas o evento não patrocina pra ajudar os ambulantes que estão aqui, nós vendemos nossas águas, eu também vendo, pelo contrário, muitas vezes nós colocamos cerveja, refrigerante pra garotada, cachorro quente, a mulherada se reúne ai, fica cozinhando a noite toda, faz bolo, ta sempre rolando alguma coisa. Sem fins lucrativos. Eu acho até que isso deveria se transformar numa ONG, algo sem fins lucrativos, pra ajudar mesmo a comunidade, porque o pessoal daqui é muito unido, fala que é meu aniversário, dou empadinha, outro dá sei lá o que, vou comprar amarrado de cerveja. Eu achei show de bola ter vindo parar aqui

Antes da construção do Parque os moradores encontravam formas diferentes para ocupar aquele espaço, nas praças, nas vendas dos ambulantes de fora e de dentro da comunidade, na convivência entre os moradores, nas brincadeiras das crianças. Com a construção do Parque, novos espaços são apresentados alcançando não só os moradores como pessoas de fora do bairro, pretendendo-se que uma nova demanda seja levada para Madureira, para além das pessoas que já frequentavam o bairro. Contudo, fora do Parque, com o que restou da Vila das Torres, novas relações são construídas também. A construção do Parque transformou a relação entre os moradores que passam a

ressignificar esse espaço com festas, com novos laços de amizade e com a ocupação agora restrita aos ambulantes moradores da Vila.

Próximo a essa rua que atualmente é ocupada pelos moradores/ambulantes, criou-se um comércio apoiado ao marketing que a imagem do Parque proporciona. Uma feirinha³⁷ de roupas com o nome “Parque Madureira” foi inaugurada e parece se expandir, o que sinaliza o impacto da criação de novos espaços no bairro a partir da construção desse equipamento urbano, assim como a especulação imobiliária³⁸ que valorizou 30,6% o metro quadrado do bairro (Foto 4), a movimentação da economia e criação de novos empregos no bairro. Segundo pesquisa realizada pela Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário, a área de lazer, denominada por alguns jornais como a “orla da zona norte”, mudou o perfil da região e valorizou os imóveis do bairro numa média superior quando comparado a outros bairros da cidade, como Centro (8,1%), Méier (16,5%) e Ipanema (12,6%).

Sousa (2015) chama atenção para o uso do discurso oficial que tenta legitimar as desapropriações. Para a autora, a mídia reforça a ideia de que a “população suburbana” está integrada à cidade graças ao Parque Madureira. O Parque é encarado pelos grandes veículos de comunicação apenas como opção de lazer e reproduz falsas imagens ou representações, deixando de fora a complexidade dos bairros e a participação popular em prol de um projeto de cidade³⁹.

É esse o ponto nevrálgico e dislexo de como se processam os sentidos do “integrado”: as condições de infraestruturas constitutivas esbarram fortemente no que de simbólico se compreende para Madureira, para o subúrbio - e tais racionalizações pela lógica do mercado, da cidade-empresa, da inserção global silenciam o “real da cidade”, e se pautam em vista do senso comum do que se entende para o espaço (e seus sujeitos) pela compreensão das condições simbólico-históricas (e não com isso em sua historicidade) dos subúrbios e dos

³⁷ A diferença entre o comércio dos ambulantes e da feirinha é apenas seu status legal.

³⁸ Fonte: http://www.ademi.org.br/article.php?id_article=50635

³⁹ Em entrevista o engenheiro responsável pelo projeto do Parque foi construído numa área predominantemente cinza, que tem 99,7% da sua área urbanizada e quase o triplo de moradores que outras regiões. O Parque Madureira, para Ruy Rezende, mudou esse cenário e promoveu uma integração semelhante a das praias. Fonte: <http://oglobo.globo.com/rio/do-flamengo-madureira-15461743>

suburbanos cariocas. E é aqui que encontramos como os jornais buscam silenciar as falas dos sujeitos suburbanos aliados de representatividade na instituição que se estrutura nos estatutos da verdade, da objetividade, da imparcialidade e do social (SOUSA, 2015: 179)

Uma busca por reportagens sobre o Parque Madureira nos mostra que existe uma construção que reforça a ideia desse espaço como algo não só benéfico como necessário para a região, classificada sempre como “carente”, quer de espaços de lazer, quer de outros equipamentos urbanos. Quase não é possível encontrar reportagens que reflitam sobre as remoções como algo negativo para a cidade e para os seus moradores⁴⁰. Diversas reportagens⁴¹ indicam como o projeto do Parque foi pensado para solucionar um problema de “espaço degradado”. A ênfase recai nos processos de “requalificação urbana” e não na compreensão das lógicas de segregação e nas políticas de ocupação do solo numa metrópole como o Rio de Janeiro, como disse em entrevista o Secretário de Obras do Rio de Janeiro:

“Responsável por tocar o projeto de expansão, o Secretário Municipal de Obras Alexandre Pinto acredita que a área ajudará a reurbanizar trechos degradados da Zona Norte, e encara a iniciativa como um presente para Madureira, que completará 402 anos nesta segunda-feira” (BBC Brasil, 05/05/2015).

O projeto do Parque foi pensado sem a discussão com a população local, com o intuito de formar o que o próprio arquiteto chama de um “agregado de espaços”. Nesse sentido, comecei a entrevista com ele questionando o projeto do Parque em relação aos costumes locais de Madureira:

⁴⁰ Nas buscas que realizei encontrei apenas um trabalho em inglês que questiona a construção do Parque: <http://ojs.statsbiblioteket.dk/index.php/bras/article/view/21468/20563>

⁴¹ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151205_depoimento_chacina_costa_barros_lab
E <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/parque-estimula-vocacao-de-madureira-para-desenvolvimento-sustentavel-16170402>

O Ruy Resende que é o arquiteto através da proposta do prefeito Eduardo Paes, tentou criar nesse espaço, que é o berço do samba (Madureira tradicionalmente é o berço do samba por causa da Portela e Império Serrano), já possui uma grande afinidade e tradição cultural com essa manifestação cultural e essa tradição da música oriunda das classes mais populares do carioca e finalmente, voltando ao que você mencionou, ele veio também para integrar a comunidade e enriquecer esse tecido urbano que era Madureira e as regiões fronteiriças com um equipamento que além de tudo traz lazer, esporte e cultura. Porque você sabe que Madureira e esse complexo que é o parque Madureira hoje em dia (você sabe que o parque está sendo ampliado né? Vai vencer agora 3,5 km) então essa ampliação do parque vai atender mais bairros. No meu ponto de vista essa área, esse tecido urbano já era carente de uma intervenção nessa área e trazer para essa população uma oportunidade que não tinha antes.

Em seguida introduzi o assunto sobre a remoção da comunidade Vila das Torres, mas o que obtive de resposta diz não só sobre a construção do Parque, mas a sua manutenção e a presença/ausência de um ordenamento:

*O parque vem a ser a mesma coisa, sentados aqui podemos ver como funciona a coisa. Distinto desse convívio social. Uma coisa que mais me encanta é o jovem estudante e suas diversas facetas, de todas as tribos diversas expressões do jovem, usam o gramado.. então não colocam uma placa “não pisar na grama”. Não, podem deitar, ficar livres. Essa é a meta alcançada. A gente tem que adaptar normas de utilização, lógico. Pra proteger do vandalismo, mesmo que não intencional **a má utilização** do equipamento, dizer numa boa. Acho que a intenção maior é que aqui antigamente, onde está o parque, era um grande tecido urbano abandonado. É o que a gente chama na arquitetura de não edificante, é o termo dado a toda área que não pode edificar, ta dentro do código de obra, não da pra fazer nada ali, não dá pra construir nada ali, porque ali... eu vou dar como exemplo a linha do metrô. O metro tem na praça 11 um desvio que vai até a central e depois faz um acurva que alcança até a Tijuca. Essa curva passa por um trecho atrás do sambódromo, que não pode construir nada. O terreirão, porque não se constrói nada? Não é só pela questão de que ali era a casa da tia Ciata⁴², é porque ali era não edificante. Não pode botar nada pesado ali porque ele vai arriar, e aqui era o caso por*

⁴²

Personalidade considerada uma das influências para o surgimento do samba carioca.

causa das torres de energia. Essas torres de energia você pode ver que elas vêm desde lá da Barra até Guadalupe. Dentro das normas num raio de X a X não pode se edificar nada por causa principalmente da queda dos cabos e finalmente da radiação de energia para o morador e não dá pra você viver colado, essas áreas são proibidas. Então o que aconteceu, os antigos moradores plantavam hortas comunitárias em baixos dessas torres, de tudo... chuchu. Era embaixo mesmo, como eles não tinham acesso eles faziam essa “invasão” no bom sentido e faziam os seus cultivos de hortaliças. Eram grandes sítios, do seu fulano por exemplo e também eles protegiam de invasores. Você sabe, áreas descampadas que não se desenvolve nada são fatalmente utilizadas para transgressões e coisas desse nível, eles davam ao morador o controle daquela área inativa a reforma agrária. Então quando o parque veio, o parque obedecendo a essas regras (até a grade da divisa do parque, aquilo não é metal, é plástico, caso o cabo bata em cima.. ela foi projetada pois não é condutora de energia.)

(...)

realmente todas essas intervenções pontuais de reurbanização principalmente de onde a gente quer trazer os equipamentos de intervenção social de esporte e cultura, a gente procura também tirar aquele mal que tá aflorando e lamentavelmente é o que acontece. (...) se a gente não tiver um controle a coisa se perde.

Refletindo sobre a fala do arquiteto podemos observar dois pontos principais: como ele legitima a construção do Parque como uma opção melhor para Madureira do que o espaço que havia antes e pela utilização do Parque por seus usuários; e a questão da ordem e/ou ordenamento que existe por parte do arquiteto para trazer o bom funcionamento do espaço. Assim, cada um é livre pra fazer o que quiser desde que não seja contra as regras do Parque.

Pensando em algumas questões e tentando entender mais sobre o Parque conversei com o administrador na época. Logo ao entrar na administração senti o contraste com o clima no Parque, o ar-condicionado gelava o ambiente, o que talvez explique porque havia tantos guardas municipais sentados lá dentro. Apresentei-me ao recepcionista e não demorou muito para que fosse levada até a sala da administração. Ele, o administrador, foi bem receptivo e se colocou à disposição para que eu entrasse em

contato com ele novamente, contudo, o que ele pôde me contar foi exatamente o que estava disponível no site oficial do Parque⁴³, ocorreu uma reprodução oral das informações oficiais do site e uma dificuldade em obter informações não-oficiais por parte da administração, assim, não consegui ter uma conversa com ele sobre como as pessoas ocupavam o Parque.

3.2 Praças ou Parques: Táticas e estratégias de uso e apropriação do Parque Madureira

Somente nos últimos vinte anos do século XX, observa-se que a implantação e formação de parques públicos despertaram o interesse da classe política. Macedo (2003) explica que esse crescimento está relacionado à urbanização do país, exigindo a reelaboração de projetos de lazer tradicionais.

Segundo Scalise (2002), os parques públicos são funções do poder municipal e são construídos a partir da necessidade de tais equipamentos na cidade, de um movimento contemporâneo que reivindica mais parques e áreas verdes para as cidades. Os projetos paisagísticos dos parques variam conforme a necessidade específica de cada lugar, assim como o seu uso. Contudo, para a autora, analisando a evolução dos parques desde o século XVIII, notam-se como aspectos de recreação, valorização de áreas verdes e lazer, expressando o uso coletivo deste espaço e de sociabilidade, procuram recriar as condições negadas pela vida urbana.

Com o passar das décadas, novas tendências surgiram, como o movimento ecológico. Exigências como melhorar os espaços públicos degradados e criação de espaços funcionais também foram incorporadas ao longo do tempo e são encontrados até hoje nos parques urbanos. Nesse sentido, o Parque Madureira não busca necessariamente recuperar uma área natural, mas recuperar uma área “degradada”, incorporando funções de lazer, sociabilidade e valorização de espaços verdes.

Dentro do conceito de *parque urbano* está o de *parque linear*. Segundo Scalise (op.cit.), os parques lineares podem ser usados para ir ao trabalho, à escola ou às compras

⁴³ Dados esses obtidos por pesquisa do ibope/data folha.

e produz a valorização das terras no seu entorno, pois funcionam como corredores e melhoram a qualidade de vida dos moradores dos bairros adjacentes. Assim, é preciso considerar três aspectos para a criação de um parque linear:

1º Conectar o local com os bairros onde está inserido e oferecer conexões adicionais pela variedade de possíveis lugares de interesse: campos, escolas, bibliotecas, quadras, centros comerciais, esportivos, médico, cultural, de lazer, profissionalizante, exposições, feiras, serviços.

2º Segurança: experiência com policiais equipados, telefones, câmeras de segurança. Pela sua permeabilidade e continuidade da forma, o parque linear evita os perigos de isolamento e desconexões dos parques urbanos tradicionais.

3º Abrir o processo de criação do parque para ser fiscalizado por setores o mais amplo possível: autoridades, técnicos, usuários, vizinhança. (Scalise, 2002:4)

Este último aspecto é fundamental para o bom funcionamento dos parques. A participação de diversos segmentos da sociedade é necessária justamente por ser uma obra complexa que atinge diversas áreas e bairros. Nesse sentido, segundo a autora, esse parque não deve ser projeto de um único profissional, mas resultado do diálogo entre diversos setores da comunidade em busca de um interesse comum.

O que resulta da construção desses espaços é não só recreativo, mas cumpre também um papel social. O direito à cidade, comprometido com as necessidades da população, busca incluir as minorias e promover qualquer forma de relação social, “restabelecendo as deficiências sociais, físicas e psicológicas da cidade, estabelecendo conexões, preenchendo vazios, representando meios propícios para difundir a cultura” (Scalise, 2002:5). Assim, os parques urbanos e lineares cumprem um papel não apenas ecológico, mas de recuperação de aspectos sociais.

Através da proposição de lugares e espaços com alta qualidade formal e espacial, polifuncionais, para a prestação de serviços comunitários, geração de rendas e convívio, com implantação de programas múltiplos de atendimento à comunidade, preocupado com a recuperação dos recursos naturais, fornecimento de infra-estrutura e mobiliário urbano adequados, o arquiteto pode contribuir para o direcionamento de seu dever de cidadão transformando,

mediante o projeto e enunciados apontados, as condições atuais. (SCALISE, 2002:5)

Cedeño (2003: 546) concebe a experiência de estudar parques urbanos não apenas observando o reflexo das experiências externas de diversos cenários sociais no parque, mas também “como um microcosmo com sua própria dinâmica interna e mecanismos de existência”. Dessa forma, os parques são lugares de encontro entre as pessoas, mas também lugar de passagem, lugar do múltiplo, da diversidade. As possibilidades de usos pelos frequentadores são aspectos relevantes para estudarmos, pois é interessante observar como os usuários saem de modelos formais impostos para recriarem nas possibilidades de uso. Assim, “esse caráter especulativo e aberto o convertem em um espaço público onde coabitam distintas formas de apropriação, de interações, conteúdos e representações” (CEDEÑO, 2003: 546).

A construção do Parque Madureira é senão motivada por interesse de um projeto político pessoal ou de um grupo político, fruto do momento atual que a cidade do Rio de Janeiro passa, além de um projeto urbano que dialoga com interesses também do capital internacional. Entretanto, ultrapassa essa perspectiva o fato dos usuários usufruírem e tirarem proveito do Parque, mesmo que o objetivo da gestão governamental não seja apenas esse.

Já tinha ouvido falar do Parque, mas foi apenas estando lá que pude compreendê-lo. Antes de chegar ao Parque, meu percurso até Madureira não é longo, mas demorado em razão do engarrafamento. Ao sair de casa penso em pegar o BRT e aproveitar para entender mais sobre o uso desse meio de transporte dentro do novo projeto de cidade que tirou linhas de ônibus, estreitou ruas e instalou sinais de trânsito para incentivar seu uso (promessas de melhorias centrais no discurso de “legado social”)⁴⁴, sem, contudo, suprir

⁴⁴ Minhas observações começaram coincidentemente com a inauguração do BRT. Como o assunto “mobilidade” estava em voga, quando ia fazer trabalho de campo em Madureira sempre me via pensando nas opções de meios de transportes e na relação das pessoas com esses transportes. Nesse sentido, atentar para o impacto do BRT, este objeto novo e estranho em Madureira, é importante inicialmente tendo em vista que o trânsito nesse bairro é complicado. Além dos ônibus, circulam muitos transportes alternativos e carros de passeio, logo, unidos aos incontáveis sinais de trânsito - colocados pela necessidade do BRT, e à logística do local que permite pontos de ônibus em locais de alta rotatividade de veículos e bem em frente ao Mercado de Madureira, a porta de entrada do bairro é um tanto caótica.

a necessidade das linhas de ônibus, o que gera problemas de mobilidade que não cabem discussão nesse momento. Apesar de acreditar que a presença deste novo objeto⁴⁵ naquele bairro traria grandes impactos na relação das pessoas, como o BRT não possui estação próxima ao Parque Madureira, optei por pegar o ônibus 355 Madureira X Tiradentes próximo à minha casa e descer no ponto final, atrás do Madureira Shopping e também do Parque Madureira, já que um é ao lado do outro.

Considerando as transformações estruturais do bairro, o BRT passa por Madureira com duas estações ao lado da estação de trem, atravessando o bairro ao meio. Na verdade, ao falar de Madureira é comum separá-la em dois lados, “o lado de lá do trem”, “o lado do mercadão”, “o lado da Portela” etc. Isto porque Madureira sempre foi atravessada pela linha do trem e, devido à sua extensão, cria pontos de referência que ajudam na locomoção e na localização dos que lá transitam.

O Mercadão de Madureira também tem dois lados, duas entradas. Uma entrada é pela Rua Edgard Romero, onde há mais prédios que a primeira vista parecem ser comerciais. A outra entrada é na rua detrás, Rua Carolina Machado, onde há um movimento maior do que a parte da frente. Nesta calçada há outros estabelecimentos comerciais que não fazem parte do Mercadão, mas que “levam a fama”. Por exemplo, Madureira Esporte Clube e lojas de outras especialidades. Essa rua margeia a linha do trem da estação de Madureira que divide este espaço entre o Mercadão e o outro lado de Madureira que ainda tem estabelecimentos comerciais, residências, o Madureira Shopping e o Parque Madureira.

No meu primeiro dia de campo saltei antes do ponto final, na Rua Conselheiro Galvão, rua que beira a linha do trem, que passa em frente ao Madureira Tênis Clube, ao

O BRT é um excelente exemplo de como as transformações urbanas interferem diretamente nas relações dos sujeitos e também, da necessidade de conhecer essas transformações e a vida cotidiana (aspectos sociais e culturais) dos que vivem e vivem nesses espaços para que os significados das relações não sejam perdidos com as mudanças infraestruturais da cidade. Em outras palavras, os processos identitários e as representações são produtos da relação entre modelos de cidade, permanências e inovações que aparecem articuladas em conjuntos de práticas (MELLO, 1984).

⁴⁵ Há uma vasta bibliografia dentro da antropologia dos objetos que trata a relação dos indivíduos com os objetos. Contudo, como este não é o foco desta dissertação, este tema não será objeto neste trabalho, mas o destaque a importância do tema para a antropologia, com ênfase na sua relação com as mobilidades urbanas.

Mercadão de Madureira e termina encontrando a Avenida Edgard Romero (uma das vias principais do bairro). O ponto que desci fica em frente a uma passarela que passa por cima dos trilhos do trem, ligando os dois lados de Madureira e muito percorrida por quem está interessado no comércio do bairro. A passarela deixa na entrada da comunidade Vila das Torres, ou o que sobrou dela já que muitas casas foram removidas para que o Parque pudesse ser construído.

A primeira vez que entrei no Parque fui surpreendida. Por estar muito acostumada com o bairro, me chamou atenção um espaço com aquela quantidade de árvores e a sensação de tranquilidade, pois quem chega ao Parque percorrendo o bairro a pé, passa pelo comércio movimentado e um tanto barulhento de Madureira, sem contar com as buzinas de ônibus e carros. Ao me referir à quantidade de árvores, parece que o Parque possui muito verde, como a Quinta da Boa Vista, por exemplo, mas ele é bastante cimentado e a quantidade de árvores é motivo para muitas reclamações⁴⁶. O fato é que ainda assim, o contraste entre a estrutura física imediata e o lado de dentro do Parque pode ser sentido pelas árvores e pela forma do ordenamento dos espaços internos.

Mas o que provocaria essa sensação? Além de eu mesma ser em algum nível “nativa” desse lugar, acredito que a relação que os sujeitos constroem com o Parque passa primeiramente pela relação que eles construíram com Madureira, que apesar de contar com atividades de lazer diversas, ainda não possuía um equipamento de lazer como o Parque. Logo, a construção da imagem do Parque (pode-se dizer, do consenso em relação ao Parque) é pensada para ser o “lugar de lazer perfeito para o suburbano, seguro e de qualidade”, como me colocou o arquiteto do Parque. Tentando a todo o momento estranhar esse sentimento familiar, presto atenção nas pessoas que ali circulam e percebo como elas rapidamente levaram para o Parque muito do que já faziam fora dali.

Antes de entrar no Parque, passando pelo lado mais residencial do bairro, principalmente aos finais de semana, vejo muitos moradores com suas cadeiras de praia no portão, referido em várias conversas como um costume antigo do bairro (HEILBORN,

⁴⁶ Com tantas reclamações, a administração do Parque está plantando mais árvores. Inclusive a expansão já possui mais área verde e partes cobertas para servir de sombra.

1984). Ao entrar no Parque isso se repete, famílias e amigos levam suas cadeiras, cangas, isopores e coolers. Buscam seus espaços com sombra (que ainda são poucos) e lá permanecem por muito tempo. As crianças brincam nos brinquedos do Parque (alguns pagos, outros gratuitos) ou vão de bicicleta, levam suas bolas. Não é permitido jogar bola ou andar de bicicleta ou skate no gramado, mas muitos o fazem. Durante a semana, a praça ganha um ar menos descontraído, muitos utilizam para cortar caminho ou passar o tempo entre um compromisso e outro. A maioria das pessoas que circula durante a semana é formada por estudantes ou pessoas praticando algum exercício físico. Nesses dias há também muitos casais e poucas famílias⁴⁷.

Analisar a construção do Parque como fruto do processo histórico significa comparar as diferentes formas de apropriação dos espaços urbanos para compreender o processo de planejamento assim como a sua dinâmica interna.

As políticas adotadas atualmente na nossa cidade, em conexão com padrões mais globais, preveem um projeto para a cidade que apresenta uma marca: constitui-se como um projeto autoritário. Segundo essa perspectiva, os cidadãos não possuem agência ou capacidade criativa e de decisão. Contudo, considerar somente o plano político da construção de um equipamento urbano é não considerar o ser político que há em todo indivíduo, que não são meros espectadores/atores, mas sujeitos que criam no próprio cotidiano sociabilidades próprias resultantes de suas interações com o espaço. Considerando o contato do sujeito com o espaço uma experiência específica e restrita, é preciso repensar questões básicas para o estudo das cidades que elucidam a importância de não homogeneizar e generalizar aspectos culturais.

Dentre as possibilidades de análise da vida urbana, é possível mencionar algumas perspectivas analíticas que me norteiam nessa pesquisa. A vida nas cidades é propícia ao estabelecimento de relações de “proximidade e distância” aos sujeitos que se deslocam no espaço urbano. Neste sentido,

⁴⁷ No tempo que estive em campo não conversei com nenhum turista, por esse motivo, acredito que o Parque (ainda) não é visto como um ponto turístico da cidade.

na cidade grande moderna, definida pelo crescimento vertiginoso, é o espaço por excelência dos princípios ordenadores da racionalidade capitalista, o que reverbera na subjetividade de seus habitantes (...). Expostos a incessantes estímulos e à exatidão calculista da vida prática, os indivíduos situam-se entre o anonimato e uma multiplicidade de papéis em diferentes círculos momentos e situações. (FRÚGOLI, 2007: 15)

Essas aglomerações politizadas (Joseph, 2005) fazem dos sujeitos muito mais do que transeuntes, mas pessoas que pensam, interagem com as outras e tomam decisões. Assim, a sociedade não está dada, mas é continuamente constituída por esses sujeitos através dessas interações, através da sociabilidade (Simmel, 2006 [1917]; Frugoli Jr, 2007).

No Parque, a separação dos espaços por placas e pelas fronteiras invisíveis procura operar uma separação ou marcação das pessoas ainda mais em seus grupos, ainda que estes não estejam sempre separados devido a alta circulação dos indivíduos e grupos entre os diferentes espaços do Parque.



Figura 4: Mapa dos espaços do Parque



Figura 5: Regras para o "bom convívio" no Parque

A perspectiva dos formuladores e da administração do Parque cria uma tensão quando comparada às concepções de praça, espaço da cidade que é lugar de encontro do múltiplo e da diversidade. Neste sentido, olhando especificamente para o Parque, há uma lógica que rege esse espaço que não está firmada na ideia de praça, mas na ideia de ordem. Num plano, o Parque ainda é lugar de encontro do múltiplo, não poderia ser diferente por se tratar de um lugar público, que não cobra entrada e que reúne e divide dentro dele pelo menos outros vinte espaços e por isso alcança muitos grupos. Por outro lado, está marcado o posicionamento de uma gestão que estabelece horários e condições de uso para cada espaço dentro dele, dinâmica diferente de uma praça pública⁴⁸.

A produção de sentido e ordenamento no Parque Madureira demonstra como os discursos que acionam a “cultura” são usados como primeiro passo para legitimar as ações do poder público, produzindo sentido enquanto *estratégia*. Para Sousa (2015), a cultura canaliza as diversas narrativas e trajetórias em torno de um objeto comum e é a

⁴⁸ Algumas praças têm fiscalização e horário de funcionamento, como o Jardim do Méier ou o Campo de Santana, por exemplo. Contudo, sua dinâmica ainda assim está firmada numa perspectiva de praça, de encontros e usos diversos. O Parque Madureira tem uma dinâmica própria de um parque urbano.

chave para o convívio das diferenças. A cultura seria utilizada no Parque Madureira como forma de “embelezamento social”, pois transforma a diversidade em “práticas condizentes”, e coloca Madureira numa “posição ideal” na relação subúrbio/Madureira/cidade, artifício necessário para a integração que se pretende no Rio de Janeiro.

É possível afirmar que, sobre o uso que os frequentadores fazem do Parque, há uma série de dispositivos que disciplinam e criam ideias de ordem nos indivíduos (FOUCAULT, 2009 [1975]) e apesar de centenas de possibilidades serem deixadas de fora por ser um parque com regras, ainda assim, o que é permitido no Parque é bem visto e utilizado pelos usuários. A noção germinada na política que o espaço do outro termina onde começa o meu, princípio da “boa convivência” é bem vista naquele espaço onde, por exemplo, não se pode soltar pipas e o piquenique é permitido. O que digo aqui é uma forma de demonstrar as ambiguidades em cena e as alternativas nativas percebidas durante o trabalho de campo quando as pessoas que frequentam não representam este espaço como controlador, mas ideal para o convívio e que o regime de disciplinamento das mentes e corpos é tão forte e, ao mesmo tempo, tão naturalizado pelos frequentadores que estes incorporam os discursos oficiais de um processo civilizatório (ELIAS, 1990 [1939]). A ordem como um valor parte não só dos usuários, através de um disciplinamento de corpos e mentes, mas também está no discurso dos próprios planejadores, que não percebem o ordenamento como algo controlador, disciplinador ou “ruim”, mas como uma qualidade importante oferecida pelo Parque, em contraposição a outros espaços da cidade.

Mesmo sendo regado e limitado, os usuários encontram maneiras de utilizar esse espaço que não estão previstas em um planejamento inicial e que escapam à simples ideia de regras permitidas e não permitidas. As pessoas não só sentam na grama, mas elas fazem piquenique; elas não só fazem piquenique como também levam suas próprias cadeiras de praia. A academia da terceira idade é frequentada por jovens. A praça do samba, lugar de show é, em outros momentos, espaço para andar de patins. As quadras de futebol e vôlei são ainda espaços para aprender muay thai e treinamento funcional.

De Certeau (2014) separa as estratégias das táticas para analisar os dispositivos que delimitam as possibilidades de usos que fogem e criativamente se reproduzem. Uma estratégia que tem seu poder de ação sobre os usuários do Parque é também conhecida por *governamentalidade* (FOUCAULT, 2008). Assim, há propagação de um discurso que legitima as regras no Parque para um bom convívio, segundo uma forma correta de utilizar o espaço.

Reflexo desse ordenamento e controle, não há dentro do Parque moradores de rua. Em todo o período que estive no Parque, fazendo meu trabalho de campo, apenas uma vez vi um morador de rua dormindo embaixo de uma árvore. Pouco tempo depois de passar, retornei e ele já não estava mais lá (acredito que a Guarda do Parque tenha-o tirado de lá, pois não o vi mais, muito menos outras pessoas em situação de rua no restante do meu campo). Conto nos dedos também às vezes em que observei confusões no Parque, em todas elas os frequentadores reclamavam de assaltos ou furtos e dirigiam-se aos guardas municipais. Não observei briga entre os frequentadores.

Se, por um lado, a ideia de um espaço democrático atrai as pessoas, por outro lado, há um princípio sutil de ordenamento de espaço, de corpo e mente, como o da Guarda Municipal que atua repreendendo as pessoas que não cumprem as regras. Este ponto pode ser destacado a partir do lugar da Guarda no Parque. Sua presença é marcante. Ao entrar no Parque, uma das primeiras coisas que vemos é uma guarita da guarda (a primeira de pelo menos seis ao longo do Parque). No meio do Parque há uma *inspetoria de bairro*, que atua em conjunto com a *unidade de ordem pública* (UOP). Os guardas municipais circulam constantemente a pé, de bicicleta ou em carrinhos, em alguns momentos dando informações, em outros controlando o uso dos equipamentos.

Para Foucault, a gestão governamental tem a população como seu alvo principal, cujos mecanismos essenciais são os dispositivos de segurança. Para o autor, *governamentalidade é*

o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento

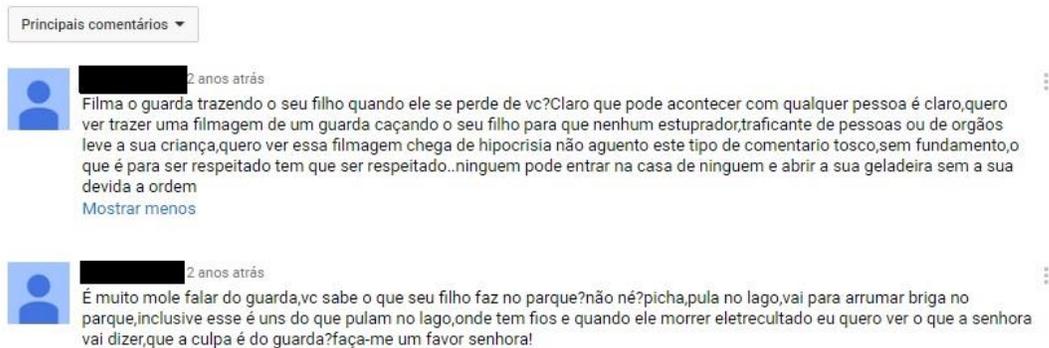
técnico essencial os dispositivos de segurança.(...) O desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. (FOUCAULT, 2008:143)

A respeito da *governamentalidade*, Foucault elabora uma metodologia capaz de identificar por detrás da instituição as *tecnologias de poder*. Assim, o primeiro passo seria colocar a instituição estudada dentro deste cenário global da tecnologia de poder. Depois, analisar quais eram as funções ideais daquele projeto e compará-la ao que de fato ela alcançou, estabelecendo um “balanço funcional do saldo positivo e negativo”. Assim, diz Foucault, a história nos faz perceber que é suficiente a instituição estar inscrita num modelo econômico geral de poder, para além de suas funcionalidades. O terceiro passo seria ressituar o objeto nessa constituição de campo. Logo, a *governamentalidade* e a estratégia seriam os propósitos, independente da funcionalidade da instituição, a ordem, a disciplina e a segurança seriam as tecnologias de poder por detrás dos objetos. Logo, é da ideia de segurança que o ordenamento pode ser legitimado. No Parque Madureira, a ordem é estabelecida pelas placas que indicam como usar o equipamento, mas também pelo controle da Guarda Municipal.

Excepcionalmente, em duas ocasiões, vi a presença da Guarda Tática Móvel (GTM). A guarda tática foi criada para interferir em situações urbanas mais graves. Seus uniformes são diferentes, mais parecidos com o da Polícia Militar, usam boinas azuis, coletes a prova de bala e armas de fogo. Havia 3 patrulhas com uns 5 guardas cada, ao longo do Parque. Em uma dessas paradas, os guardas estavam abordando 3 jovens que aparentavam ter cerca de 15 anos, dizendo: “Podem paquerar, só não pode badernar!”. Mais à frente um grupo de estudantes reclamava com o guarda do Parque que seus tênis haviam sido furtados de dentro de sua mochila e que queriam que ele revistasse os “suspeitos”, mas o guarda se negou a fazê-lo, pois dizia ser uma situação “muito delicada”.

A questão da ordem e da vigilância no Parque não é difundida pela mídia como algo negativo e nem todos os usuários enxergam isso como tal. No trecho que se segue, uma senhora que passava pelo Parque gravou uma situação em que algumas crianças

tentavam pular no lago e são repreendidas pelo Guarda Municipal⁴⁹. Segundo a autora do vídeo, o guarda só não agrediu as crianças porque foi contido por seus colegas de trabalho. No vídeo ela questiona a ação do guarda que não seria da mesma proporção que a ação “genuína” das crianças. Contudo, os comentários do vídeo não demonstram a mesma opinião:



Ainda em outra reportagem⁵⁰ sobre um skatista agredido por um guarda porque realizou uma manobra de skate em um lugar “indevido”, caso que ficou conhecido na época, é possível observar que apesar do posicionamento repressor da guarda no Parque as pessoas defendem suas ações e muitas vezes até cobram quando estes ficam “omissos”.

⁴⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=a3INbCmlbKI>

⁵⁰ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/07/skatistas-dizem-que-agressoes-sao-frequentes-em-pista-de-madureira.html>



reclama de problemas com guardas
is em pista de Madureira
naina Carvalho/G1)

"Tem um outro vídeo no Youtube, logo depois que o parque foi inaugurado, onde um guarda joga a bicicleta em cima de um cara porque ele estava fazendo manobra no lugar errado", disse ao **G1**, no começo da tarde desta quinta-feira (26), Luan de Santana, 19 anos.

Luan e outros skatistas que estavam no parque ajudaram a socorrer Pedro Henrique na noite de terça (24). Eles dizem que a agressão não se restringiu a colocar a perna na frente para impedir que o rapaz fizesse a manobra no local indevido. "Depois que ele caiu, veio outro guarda e deu um triângulo nele (golpe de jiu-

amos que empurrar o guarda para tirar o Neném das pernas dele. Além de machucado, a sendo enforcado", contou um skatista de 17 anos.

Figura 6: Versão do skatista publicada pelo jornal O Globo, em 26/07/2012.

Professora diz que skatista colocou a população em risco

Apesar das imagens que mostram a agressão, há quem conteste a versão dos skatistas. Segundo a professora Ana Paula Magalhães de Melo Barros, o guarda já teria advertido o rapaz diversas vezes, mas ele continuava colocando em risco a integridade física das pessoas.

saiba mais

Demissão de guarda que agrediu skatista será exemplo, diz Paes

Guarda municipal será demitido após agredir skatista no subúrbio do Rio

"A Guarda Municipal simplesmente conteve o rapaz. Ele estava se lançando em cima das pessoas. Se alguém não o contivesse, um acidente pior poderia ter acontecido. Do meu lado tinha um rapaz numa cadeira de rodas assistindo. O que ele poderia fazer se um skatista se jogasse em cima dele? Era rapaz que estava agredindo a população e não a Guarda Municipal. Eles estão aqui para nos proteger",

disse a professora, que diariamente traz o filho de 10 anos para andar de skate no local.

Figura 7: Opinião de uma usuária do Parque sobre a agressão. Reportagem publicada no jornal O Globo, em 26/07/2012

Apesar desse controle e vigilância, os frequentadores, chamados de “usuários” pela equipe do Parque e pela mídia, ocupam os espaços de diferentes formas. A princípio cada espaço foi pensado para uma faixa etária, mas muitos deles são utilizados por todos. Como a academia da terceira idade, que atrai adultos, jovens e até algumas crianças que brincam nos equipamentos. A cachoeira é utilizada em sua maioria por crianças, mas muitos adultos ficam por perto com roupas de banho mesmo que as regras proibam os adultos de usarem biquínis e sungas. Esta última regra não é seguida por alguns frequentadores que aproveitam para se bronzear nesse espaço. A regra quanto aos banhos

raramente é quebrada, não digo que nunca vi um adulto tomar banho com as crianças, mas vi pouquíssimas vezes. É possível que essa conduta tenha criado a necessidade da praia no Parque, já de acordo com a regra, os adultos podem utilizar o equipamento. A expansão do Parque tem área destinada só para os bebês, onde crianças brincam também. Os gramados que um dia não podiam ser ocupados⁵¹, hoje são espaços para piqueniques, onde adultos e crianças jogam bola (mesmo isto ainda sendo proibido).

O dia da inauguração da praia foi marcante para os usuários. Era verão e fazia muito sol, a cerimônia de inauguração estava marcada para às 10h, mas o prefeito chegou somente às 12h. Quando ligaram as cascatas foi uma festa só, muitas crianças e adultos brincavam e festejavam juntos (inclusive com o prefeito) o novo espaço. Contudo, na mesma semana outros dois eventos também ficaram marcados, no primeiro feriado depois da inauguração a praia já estava em “manutenção” e por isso desligada, frustrando muitos usuários que escolheram o Parque para descansar; e os moradores das ruas próximas ao Parque que estavam sem água em suas casas há uma semana. Enquanto há um esforço em demonstrar como a qualidade de vida dos moradores melhorou com a construção do Parque, fora dele os moradores ainda se deparam com problemas básicos como a falta de atenção dos órgãos responsáveis pelo seu bem-estar.

No Parque há lugares que se pode mergulhar ou outros em que não; ocupar ou não; ficar parado ou circular. Certa vez sentei para tomar uma água num dos bares⁵² e vi um grupo de meninos se aproximando. Um deles mergulhou no lago e todos em volta ficaram olhando e comentando. Perto desse grupo estava um guarda municipal que parecia estar vigiando os meninos. Percebendo que eram monitorados, os meninos foram falar com o guarda. O guarda permaneceu no mesmo lugar por alguns minutos, disfarçou e depois saiu.

⁵¹ Fonte: SOUSA, Mônica (2015).

⁵² Os estudantes não costumam consumir nos bares locais, mas algumas vezes já os vi sentados, utilizando apenas as cadeiras.



Figura 8: Cachoeira



Figura 9: Chafariz/ Lago

Estudar o cenário urbano implica compreender que sua forma está relacionada às articulações dos interesses sociais e econômicos, envolvendo as pessoas e suas intenções (MENDONÇA, 2007). O ambiente urbano é construído e há, portanto, uma flexibilidade no uso dos espaços públicos que fogem às finalidades previstas de um projeto. Mendonça (2007) aponta que essas apropriações, mesmo quando adaptadas, não implicam necessariamente em indícios de inadequação ou marginalidade, podem indicar criatividade e capacidade de aproveitamento da infraestrutura, ou ainda, são eventos cotidianos relacionados à própria vida urbana e que devem ser reconhecidos, tornando-se importante para centros urbanos a construção de equipamentos que possibilitem essas apropriações por parte dos cidadãos.

As estratégias não são estáticas, como pode parecer. Mas adaptam-se numa dinâmica de resposta às táticas dos usuários. Assim, depois de alguns meses de campo, novas placas foram colocadas no Parque, uma próxima ao lago dizendo ser proibido nadar e outra, muito significativa, colocada na Praça do Samba “espaço para patinadores”. Mencionei neste capítulo que a praça do samba é um lugar para receber os grandes eventos e festas que ocorrem no Parque, contudo, durante a semana ela permanecia vazia. Com o tempo, patinadores começaram a usar aquele espaço para praticar o esporte, colocavam obstáculos e ensinavam uns aos outros. É interessante notar como a fiscalização do Parque se apropria do que é interessante para eles, como a ocupação da praça (usada eventualmente em dias de festas, mas não cotidianamente), mas rejeita e proíbe aquilo que não convém como a placa que reprime aqueles que tentam usar o lago. Essa apropriação pode significar também que a administração se apropria dos “usos paralelos” e os oficializa para que não sejam lidos sob a ótica de uma prática de resistência, abrindo margem para outras práticas “irregulares”.



Figura 10: Regras do lago

O espaço para andar de skate (banks, um grande bowl, uma pequena ladeira para downhill e uma ampla área para street, com escadas, corrimões e inúmeros obstáculos, atendendo a todas as vertentes do esporte), apontado como a maior pista da América Latina, mais moderna e funcional, e é ocupada por homens e mulheres. Na pista quem não tem skate está acompanhando alguém que está andando, mas nem todos que tem skate andam o tempo todo também. Uma prática comum em outras pistas é também

incorporada na do Parque, os skatistas levam cadeiras de praia pra descansarem e assistirem os colegas, normalmente num canto para não atrapalhar. É interessante perceber como algumas práticas externas são incorporadas no Parque, mas também como algumas são permitidas e outras são proibidas. Por exemplo, certa vez estava assistindo de fora da grade, mas perto de outras pessoas que também estavam assistindo os colegas, quando um guarda municipal se aproximou e pediu para que um adolescente que estava conosco com a bike do Itaú se retirasse, pois não era permitido ficar com a bicicleta lá dentro. Na pista de skate era permitido levar cadeira de praia e ficar sentado, mas não era permitido entrar com bicicleta (prática também comum fora do Parque). Nos meus últimos dias de campo, soube por um interlocutor que a administração do Parque liberou a pista de skate todas as quintas para aqueles que quisessem praticar o BMX (esporte realizado com bikes específicas para manobras), após um grupo de praticantes entrarem com um pedido formal junto à administração.

Todos devem usar capacete, pois é obrigatório o uso de equipamentos de segurança no local. Isso é até um fator de divisão de grupos ou seleção, já que algumas pessoas não queriam ou não podiam andar na pista porque não tinham equipamentos ou achavam desconfortável, por isso, para andar na pista não bastava chegar e andar, criando obstáculos para seu uso. A pista, assim como alguns pontos do Parque, tem música ambiente e monitores que controlam o uso do espaço, organizando e cobrando os equipamentos de segurança. O aluguel de skate para quem não tem um próprio é de 10,00 reais.



Figura 11: Bowl e street, espaços do skate

A exemplo do espaço para patinadores e da pista de skate, é significativa a relação de práticas permitidas e não permitidas no Parque, como algumas delas são rapidamente apropriadas pela administração do Parque enquanto outras são negadas. A resistência de algumas dessas práticas parece impor tacitamente à administração a sua incorporação, utilizando-as, já que quando se dão de forma isolada são repreendidas. Outra razão que deve ser levada em consideração é a fluidez e maleabilidade do que é permitido e proibido no Parque, através da adaptação da própria fluidez dos grupos (VELHO, 2013).

A formação de grupos depende muito do evento, horário ou situação. Em dias de baile charme, há muitas pessoas com roupas do hip hop e cabelos com penteados característicos desse estilo. Enquanto isso, na pista de skate, os skatistas estão com seus equipamentos de segurança. Os punks, que também estão no Parque a despeito de não ter um espaço destinado especificamente a eles, são vistos sentados na grama, em eventos na Arena Carioca, na Nave do Conhecimento, entre outros. O que ocorre é que eles não estão sempre nesses grupos, pois a circulação no Parque e entre os grupos é grande, assim se um dia eles são estudantes, noutro estão nos bailes charmes, noutro skatistas ou ainda, num mesmo dia, podem pertencer a mais de um plano e frequentar mais de um local. A relação com os espaços e entre os grupos é fluída.

Os indivíduos transitam em diferentes planos e níveis (op. cit.), passam pelo mundo do trabalho, lazer e sagrado com fluidez e em alguns casos nem mesmo deixam de sair de um plano para entrar em outro. Nas situações descritas acima os sujeitos se movem e transformam/adequam seus papéis conforme esse movimento. Essa metamorfose não é 100%, existe uma margem cujos indivíduos costumam permanecer com “âncoras fundamentais” em relação às suas identidades e uma margem de “reações, opções e alternativas” para escolher. Ao mudarem de planos, os indivíduos acionam novos signos, o que implica numa construção social da realidade muito dinâmica e também em universos simbólicos diferenciados entre de si. Os skatistas, charmeiros e punks, por exemplo, coexistem no Parque Madureira e a relação que mantém entre si pode ser simultânea, através do compartilhamento dos mesmos códigos, símbolos e expectativas de papéis congruentes, do que Velho (2013) chama de *consistência cultural*.

Festas e eventos no Parque

Diariamente o Parque é movimentado por eventos realizados tanto pela administração, como por fundações, empresas ou ONGs que desejam divulgar seus trabalhos junto aos usuários do Parque, como a Firjan, Globo, Ministério da Saúde, Poder Judiciário, entre outros. São eventos que prestam algum tipo de serviço à comunidade local como assistência jurídica, educação, exames gratuitos e exercícios.



Figura 12: Serviços jurídicos no Parque



Figura 13 : Dança de salão no Parque Madureira e Figura 14: Feira gastronômica no Parque Madureira

Além desses eventos, algumas festas são realizadas no Parque, como o baile charme às quintas-feiras e domingos, rodas de pagode e festivais de karaokês que ocorrem nos quiosques. Algumas festas e grupos independentes que se apresentam fora do Parque, como companhias de teatro e circo, ou a *Festa Mixtape*, também utilizam esse espaço para promoção de eventos, isto é, os eventos promovidos nesse espaço não são todos do calendário interno da administração, mas partem também de grupos externos. Eventos esportivos, sociais ou que exploram diferentes temáticas culturais também ocorrem durante o ano. Os eventos podem ser semanais, mensais, anuais e também esporádicos e devido a esse calendário dinâmico, atraem um público diversificado para o Parque, além do público que habitualmente frequenta esse espaço.

A festa *Mixtape* ocorreu no espaço destinado ao jogo de bocha. Durante o tempo que estive em campo não vi esse espaço sendo utilizado para tal, mas vi servir para receber as feirinhas, festas, performances e namoros de casais. Como o Parque fecha às

22h, a festa começou às 16h. O evento contava com aproximadamente 100 pessoas e os que lá estavam vestiam roupas que remetiam ao hip-hop, charme ou black. Havia um dj que tocava *soul*, pop e rock. Vendia-se bebida alcoólica e algumas comidas, como brownies.

O Parque recebe muitos eventos destinados à “cultura negra”, desde feirinha *afro* (com acessórios e roupas tidas como *afro*), passando pelo grafite, festas e eventos religiosos. A mídia reforça uma ideia de que Madureira é lugar de encontro e resistência negra e que por isso o Parque pode ser sim o berço para receber todos esses grupos⁵³.



Imagem de Michael Jordan, jogador norte-americano, foi pintada na quadra de basquete -

A cabeleireira Gilmara Nascimento, de 36 anos, aproveitou o dia de folga no salão e, acompanhada dos dois filhos e da irmã, visitou o Parque Madureira pela primeira vez semana passada. Moradora de Senador Camará, ela logo se surpreendeu com uma pintura colorida feita em um dos muros.

— As cores me chamaram muito a atenção. A pintura que dá destaque a uma menina negra também me agradou — disse.

Mayara Eduarda, de 14 anos, filha de Gilmara, gostou do que viu:

— Estamos acostumados a ver apenas brancos retratados na maioria das obras de arte por aí. Aqui temos uma boneca negra e o Michael Jordan.

O grafite que chamou a atenção de mãe e filha foi desenhado por Rafaela Monteiro, a Rafa, artista de 36 anos convidada pelo curador do projeto, Kaja Man, a imprimir seu trabalho nas paredes do local. De acordo com ela, a ideia era representar de forma lúdica e alegre todas as crianças que vivem na região e frequentam o parque. O trabalho de Rafaela, que vem encantando e

Figura 15: grafite no Parque Madureira. Reportagem publicada pelo jornal O Globo, em 30/10/2015.

⁵³ <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/artistas-mudam-paisagem-do-parque-madureira-17905581>
E <http://manchetenafofia.com.br/projeto-criolice-sacode-parque-madureira-com-muito-samba-de-raiz-no-domingo-dia-20-de-marco/>

Um dos mais conceituados projetos de preservação da cultura negra, o Criolice, chega ao Parque Madureira para sacudir a Arena Carioca Fernando Torres no domingo dia 20 de março, a partir das 15h. Oriunda da Zona Oeste, a feira cultural ou, como seus organizadores gostam de definir, 'o movimento de matriz africana', reúne música de qualidade, roupas, acessórios, culinária, oficinas e outros elementos da cultura negra num só lugar. O encontro ganhou notoriedade nas edições que foram realizadas entre as ruas K e L do Ponto Chic, em Padre Miguel. Na Arena, como músicos da roda, convidados de peso como: [Maria Menezes](#), [Arifan Junior](#), [Daniel D Oliveira](#), [Abel Luiz](#), [Leandro Lele](#), [Makley Matos](#), [Alvaro Santos](#), [Nene Brown](#), [Nego Josy](#), [Serrinha Raiz](#), [Carlos Alberto Da Silva Leite](#) e [Nenem Santos Messias](#).

O clima do projeto, dos irmãos Rose Maciel, Leandro Braz, Dayvison Gomes e Vander De Araujo e a assessoria de imprensa de Enildo do Rosário(Viola), não pode ser melhor, com gente bonita, inteligente e atenta ao melhor de nossa música. E é neste quesito que o Criolice encanta os seus frequentadores, quando os músicos que integram a roda de samba partem para o resgate de Paulinho da Viola, Nei Lopes, Monarco, Candeia, Aniceto, Luiz Carlos da Vila, Cartola, Guilherme de Brito, Nelson Cavaquinho, entre tantos outros. Sem falar no pout-pourri com canções de domínio público e outras tantas pinçadas dos terreiros de umbanda e candomblé. É Axé! É Criolice!

Figura 16: Divulgação do evento "Criolice" publicada no blog Manchete na Folia em 14/03/2016.

Esses eventos pontuais se misturam aos da vida cotidiana e muitas vezes fazendo uma caminhada acabamos cruzando com diferentes festivais. Lembro-me do dia em que uma fanfarrinha de carnaval tocou perto do espaço destinado ao jogo de bocha. A fanfarrinha se apresentou numa praça que quase ninguém utilizava e não foi muito divulgado. No começo poucas pessoas pararam para assisti-los, mas não demorou muito para que os transeuntes fossem contagiados pela música. Em pouco tempo crianças, jovens, adultos, casais e famílias dançavam juntas marchinhas de carnaval.

Conversando com o dono de um quiosque do Parque, percebo como esses espaços também são passíveis de serem ocupados para realização de festas particulares, como aniversários e até noivados. Como as mesas e cadeiras não pertencem ao Parque, mas são propriedades do bar, o locatário do quiosque entende que qualquer pessoa pode usá-las desde que consuma. Assim, em datas comemorativas, o espaço pode ser utilizado sem aviso prévio, desde que haja consumação, podendo apenas levar comidas.

As festas de aniversário e noivado que são realizadas nos quiosques, mas também nos gramados ou qualquer outro espaço que possa receber os convidados, são frequentes no Parque. Quem organiza o evento leva os acessórios para decoração da festa, como toalhas, bandeirinhas, balões de ar, copos e guardanapos. Levam comidas e bebidas e

claro, registram tudo em seus celulares e câmeras fotográficas. A rua como espaço de circulação e o parque como espaço para recreação permite uma relação dinâmica entre elas, isso porque aspectos do público e do privado se entrecruzam a todo o momento, considerando os fluxos que atravessam esses espaços⁵⁴. Logo, como ocorre no Parque Madureira, em dados momentos há uma privatização dos espaços públicos, onde os fluxos, os movimentos constantes, atravessam os fixos, os espaços públicos. As festas que comumente ocorrem em casa são levadas para os quiosques e para os gramados do Parque.

No trecho destacado a seguir, é evidenciada a relação que os moradores do entorno têm com o Parque, relação essa de extensão de suas casas:

“— Um dia, uma senhora que mora ao lado do parque resolveu regar um dos jardins com a água da própria casa. Ela foi alertada por um guarda para o fato de que a área de lazer contava com irrigação automatizada. No entanto, respondeu: “Moço, me deixe molhar as plantas. O parque está muito bonito e quero ajudar a mantê-lo assim”. (O Globo, 01/03/2015)

Vogel e Melo (1985) também se ocuparam da questão do uso de espaços públicos como extensão de suas casas. Para os autores, as categorias não podem ser engessadas tendo em vista que as relações as tornam fluídas. Lugares públicos podem ser marcados por relações pessoais, pois dependendo de como são apropriados pelos sujeitos, vias públicas podem assumir aspectos diferentes. As apropriações podem inverter os termos, formando pares como: casa e público ou rua e privado (ex. estabelecimentos e negócios, ou festas de comunidade). Assim, “não há uma coisa apropriada para cada espaço, nem um espaço apropriado para cada coisa. A mistura não é um acidente. É antes a maneira de habitar esse tipo de área – o seu estilo de vida urbana” (VOGEL e MELLO, 1985:12).

Além dos eventos e dos espaços de lazer já citados, os usuários costumam correr, andar de pedalinho (bicicleta para dois com cobertura) e de bicicleta. O Parque possui uma estação da Bike Rio (projeto do Banco Itaú), único ponto no subúrbio onde essas bicicletas podem ser encontradas e único ponto do Rio de Janeiro em que eram encontradas de graça, mas atualmente são cobradas. Possui praça para ginástica, campo

⁵⁴ SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Studio Nobel, 1985.

de grama sintética para jogar bola, quadra(s) para futebol e vôlei, academia, espaço para jogar pingue-pongue e bocha. O espaço para jogar bocha não costuma ser ocupado para essa finalidade, apenas o seu entorno é utilizado por casais que procuram um lugar mais vazio e eventualmente algumas festas e feirinhas são alocadas dentro do espaço dedicado para o jogo. A quadra de futebol está sempre ocupada por jovens, muitas vezes estudantes (veja os uniformes jogados com suas mochilas), mas outras tantas vezes são adultos (público formado por homens e mulheres). Alguns desses espaços, assim como o próprio espaço da administração, oferecem aulas gratuitas para os usuários. As aulas têm dia e hora marcada e são abertas a qualquer pessoa.



Figura 17: Quadro de horários dos cursos oferecidos no Parque

Ao longo de toda extensão do Parque há vendedores em carrocinhas: vendedores de pipoca, amendoim, churros, coco, milho. Certa vez, conversando com uma vendedora de pipoca, soube que para ter um ponto no Parque é preciso ter uma licença, se cadastrar

na administração e aguardar ser chamado, pois há uma lista de espera. Cada vendedor está identificado com uniformes e possui um ponto certo no Parque para vender. A vendedora de pipoca, por exemplo, tem seu ponto fixo em frente à administração, nem ela pode parar em outro lugar, nem outro vendedor pode parar no ponto dela. Nas palavras dela “é tudo muito certinho”. Na ocasião perguntei se ela costumava frequentar o Parque para lazer e a vendedora disse que não, que se divertia enquanto trabalhava, por isso não frequentava por lazer em dias de folga. Sua filha também trabalha no Parque, é dona da loja de skate e seu genro tem um quiosque. Foi ele que depois de conseguir locar o quiosque, colocou o nome da sogra na lista⁵⁵. Agora os três estão envolvidos com atividades remuneradas no Parque.

No meio do Parque está a Arena Carioca Fernando Torres, uma das quatro espalhadas pelas zonas Norte e Oeste. Nesta arena são oferecidos cursos de dança, música, teatro, além de shows. É interessante pensar o que esse espaço significa não só para o Parque, mas para a cidade do Rio de Janeiro, pois enquanto as arenas recebem investimento e diversos cursos e atrações, o oposto vem acontecendo com as Lonas Culturais. As Lonas Culturais lutam para se manterem vivas com projetos que incluem as comunidades próximas e com pouquíssimo recurso destinado a elas⁵⁶. Ao que parece, esta diferença relaciona-se ao interesse político, tendo em vista que as Lonas Culturais são projetos de outro governo, fruto da associação de pessoas envolvidas com atividades culturais e ONGs que posteriormente solicitaram apoio da prefeitura, o que gerou a Subsecretaria de Gestão das Lonas Culturais.

Essa questão se torna mais relevante na medida em que olhamos para os demais espaços do Parque. Na entrevista que realizei com o arquiteto do Parque busquei entender o projeto daquele espaço, o porquê de uma pista de skate, uma praça do samba e uma academia da terceira idade, por exemplo, serem construídas ali. Imediatamente ao começar a entrevista, como um cartão de visita do Parque, o arquiteto me explicou que

⁵⁵ Para se cadastrar como ambulante é preciso deixar o nome numa lista na administração do Parque, mas esta está temporariamente fechada até que as obras de extensão do Parque sejam totalmente concluídas. Já para a lista dos quiosques o cadastro é feito na Prefeitura, no bairro da Cidade Nova, e apenas franquias são aceitas.

⁵⁶ Certa vez conversando com o administrador de uma das lonas culturais do Rio de Janeiro pude perceber como a gestão destes espaços passa muito mais pelo envolvimento dos seus funcionários do que da própria prefeitura.

aquele espaço cuidadosamente planejado era não só fruto de uma demanda percebida em Madureira, mas também a junção de projetos já existentes na cidade do Rio de Janeiro, criados no governo Eduardo Paes. Isto significa que todas as praças, a Nave do Conhecimento, a Arena, entre outros, são *marcas* deste governo e que todas as praças *revitalizadas* estarão no “padrão governo Eduardo Paes”.

A construção da imagem do prefeito está ligada primeiramente à construção do consenso necessário para legitimar as mudanças pelas quais a cidade vem passando. Essa ideia construída através do marketing mobiliza os cidadãos em torno de um interesse comum, o desenvolvimento da cidade. A figura de um líder tem efeito sob os cidadãos em relação a confiança na capacidade de governar a cidade e na identificação do prefeito com a cidade. Liderança personalizada costuma gerar resultados positivos, pois “as ideias não tem força própria, elas se apresentam como *ideias-fortes*, isto é, que extraem sua força da autoridade dos que as enunciam” (NOVAIS, 2010: 118 e 193).

Contudo, essa estratégia⁵⁷ não nasceu no governo Paes, há pelo menos duas décadas a cidade do Rio de Janeiro tem incorporado preceitos do *planejamento estratégico*, que incluem a criação de figuras carismáticas e personalizadas que representem à cidade. Na perspectiva estratégica, a ideia de um líder que saiba conduzir uma cidade também está muito ligada ao pensamento empresarial, de um chefe que saiba conduzir sua empresa com segurança. Porém, um líder carismático também produz um efeito no grupo em relação ao sentimento sobre a cidade.

⁵⁷ Conceito referente ao planejamento estratégico: uma opção de modelo urbano para construir a cidade.



Figura 18: Figura 15: Prefeito e usuários na inauguração da praia



Figura 19: Perfil do Parque Madureira no Facebook leva a foto do seu administrador

Assim como a imagem do prefeito está para a cidade, a imagem de Cláudio Casseti está para o Parque Madureira. Cláudio Casseti, atual administrador do Parque, também atrela à sua imagem o sentimento de “paixão pela zona norte” (apesar de ser morador da zona sul) e ao Parque Madureira, “um cara do povo”, em quem o povo pode confiar. Na

reportagem publicada pelo jornal extra⁵⁸, além de reforçarem essa imagem do prefeito, reforça-se também o discurso de integração da cidade:



Figura 20: Matéria publicada em 12/10/2015 pelo jornal Extra

Modelo “gestão Eduardo Paes” e seus usuários: A Nave do Conhecimento

A Nave do Conhecimento é fruto da gestão do atual prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, e segue a mesma linha de outros equipamentos espalhados pela cidade, como as “academias da terceira idade”, “escolas do amanhã”, “clínicas da família” entre outras. A primeira Nave foi construída em Santa Cruz, em 2012, e atualmente estão presentes também em Padre Miguel, Irajá, Madureira, Penha e Vila Aliança.

Segundo o site oficial da Nave, este equipamento representa uma “oportunidade para formar cibercidadãos, por ligar o usuário não só às tecnologias, mas aos seus direitos de cidadãos. [...] Os prédios abrangem uma grande diversidade de ambientes com equipamentos de alta tecnologia à disposição dos usuários com ações específicas para os jovens das comunidades locais como concursos, mostras de cinema e oficina. [...] A proposta é funcionar como polo de inclusão digital, permitindo acesso a internet,

⁵⁸ <http://extra.globo.com/noticias/rio/paes-inaugura-praia-no-parque-de-madureira-17754970.html>

ferramentas de ensino e programas de uso pessoal”⁵⁹. Informalmente, ela é conhecida como biblioteca digital:

Primeiro foi construída a Praça do Conhecimento, em Padre Miguel [desenvolvido em parceria com o arquiteto Alexandre Pessoa]. Depois, precisávamos fazer praças menores. Então sugeri naves que “pousassem” pela cidade. Hoje já são oito naves. A Nave vem de uma ideia de futuro, de uma perspectiva de vida que pode ser alcançada, como um portal.

Na parte de baixo das Naves há dispositivos táteis, a lan house e a biblioteca digital. Na parte de cima, acontecem as aulas. A sala da Nave é suspensa por cabos de aço presos ao teto e seu formato cria uma atmosfera diferente lá dentro. As pessoas não querem as tradicionais salas quadradas. As angulações das rampas proporcionam uma ambientação diferente. O piso é de cimento comum para dar uma ideia de trabalho (Entrevista com Dietmar Starke, autor da Nave do Conhecimento no Parque, publicada no blog da CAURJ em 22/05/2015).

O espaço não fica muito cheio no dia-a-dia, reunindo mais pessoas em dias de eventos especiais, como exibição de filme ou eleição para conselheiros tutelares, por exemplo. Num primeiro momento, foi o local onde percebi a maior concentração de jovens. Durante a semana são esses jovens (estudantes) que mais frequentam o Parque, já nos finais de semana são as famílias. Em feriados durante a semana, principalmente os escolares, as famílias também ocupam o Parque.

Certa vez, passando pela Nave do Conhecimento não vi aquele movimento de sempre e resolvi entrar pra ver como estava. Encontrei, fundamentalmente, um público de jovens. Muitos estavam lá dentro usando a internet, enquanto outros jovens estavam do lado de fora. Sentada ao lado da Nave do Conhecimento lembrei que não havia respondido um e-mail importante. Peguei meu celular para procurar sinal de wifi⁶⁰ e percebi que havia sinal de internet da Nave do Conhecimento. Foi então que compreendi o envolvimento dos jovens com aquele espaço⁶¹ e voltei minha atenção novamente para

⁵⁹ Site oficial do Parque Madureira: <http://www.pracadoconhecimento.org.br/novo/>

⁶⁰ O wifi no Parque era uma parceria com a empresa de telefonia TIM. Em entrevista, o diretor de marketing da empresa declarou: “Esta iniciativa faz parte do compromisso da TIM em potencializar o uso da internet sem fio para seus clientes, *inclusive*, a Zona Norte do Rio. Acreditamos na proposta de *revitalização* implantada pela prefeitura, que busca levar melhores opções de lazer, entretenimento e cultura para a população local” (matéria publicada no blog Planeta Celular em 22/06/2012).

⁶¹ A Nave do conhecimento foi o lugar que mais me chamou atenção quando comecei a frequentar o Parque, pois muitos jovens se encontravam ali. Já em meados do meu trabalho de campo este cenário se

eles. Todos estavam mexendo nos celulares. Os que não estavam mexendo nos celulares estavam ouvindo música com fones de ouvido de seus celulares. Contudo, os jovens não ocupavam o lado de dentro da nave, mesmo tendo wifi, cadeiras e ar condicionado, porque não eram atraídos somente pela internet, mas pela interação possibilitada a partir dos encontros de diversos grupos.

Acreditava que os estudantes usavam o Parque como espaço de lazer após as aulas, porém o administrador atentou para o fato de que às 8h já tem estudantes no Parque, o que significa que eles usam o espaço para “matar aula”⁶². A situação apresentada pelo administrador me faz pensar as maneiras como os jovens ocupam o Parque, “matando aula”. Enquanto outras gerações do bairro “matavam aula” na pracinha ou no Shopping, a atual geração tem o Parque Madureira como espaço de lazer. O consumo de álcool e drogas pelos jovens não é facilmente percebido, pois não ocorre de forma explícita, tendo em vista as regras do Parque e a fiscalização. Entretanto, algumas vezes um olhar mais atento identifica os artifícios criados por eles para driblar a questão do álcool, por exemplo, colocando bebida alcoólica em garrafas *pets*, simulando o consumo de uma bebida não alcoólica.

A relação dos estudantes de Madureira e bairros adjacentes com o Parque é interessante. Madureira assume sobre esses bairros uma espécie de *hierarquia de prestígio*⁶³, pois tem seu território delimitado pelas práticas culturais, práticas “tradicionais”, pelas representações simbólicas e valorização midiática. Juntos, esses

modificou, com a retirada do wifi da nave, os jovens foram sumindo aos poucos, mas foi com a vigilância mais de perto da guarda municipal que eles migraram para outros pontos.

⁶² Em um dos meus dias de campo notei muitos alunos com blusa de escola particular almoçando no shopping e se havia alguém de escola pública estava sem blusa/uniforme. Esse tipo de relação é corriqueiro em espaços como o Shopping Center, que separa as pessoas em classes sociais. Da mesma forma que pude identificar os alunos de escola particular no shopping, poucas vezes os vi circulando no Parque em horário escolar, ou então não estavam uniformizados. Em minha monografia já havia pensado sobre a questão do uniforme para os estudantes e, apesar de esta não ser a questão central, ainda assim faz parte do cotidiano deles, visto que, segundo as minhas observações, normalmente os alunos de escola particular não tiram a blusa para ir ao shopping, enquanto os estudantes de escola pública normalmente tiram a blusa e vão até com outra por baixo. No Parque essa relação se inverte, os alunos de escola pública, em sua maioria, continuam usando a blusa da escola, enquanto os alunos de escola particular...bom, nem consigo identificá-los.

⁶³ Expressão utilizada em CORDEIRO, Graça Índias e COSTA, António F. Bairros: contexto e intersecção. In: Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Zahar, Rio de Janeiro, 1999.

aspectos fortalecem a imagem do bairro, que praticamente ofusca a “tradição” de outros bairros. Nesse contexto, com a construção do Parque, alunos que “matam aula” em escolas adjacentes não ficam nesse tempo ocioso nos arredores de suas escolas e optam por ocupar o Parque. Essa prática fortalece ainda mais a imagem do Parque que passa a ser percebido como lugar de encontros e fortalece a própria imagem de união entre bairros adjacentes. Como colocam Cordeiro e Costa (1999), esses encontros acabam por promover outros tipos de sociabilidade de bairros, pois

são sedes de estruturação e afirmação de grupos locais, dinamizam actividades lúdicas e/ou desportivas, constituem-se como interlocutoras privilegiadas com o poder autárquico, apropriam-se e definem elementos importantes da memória colectiva local. (CORDEIRO e COSTA, 1999:59)

Sempre me perguntava sobre a relação das escolas da região com o Parque e algumas questões ficaram mais fortes quando comecei a trabalhar dentro de uma. No começo apenas interessada em apreender a dinâmica escolar, fui entendendo a relação que os alunos construíam com aquele espaço (questão que não está ligada diretamente a esse trabalho). Aos poucos fui me tornando amiga dos alunos, que mesmo sendo muito jovens ainda (entre doze e quinze anos), contavam sua rotina de festas e algumas idas ao Parque Madureira para “matar aula”.

Na entrevista realizada com a diretora da Escola Municipal Luís de Camões, ela relatou que dois grupos de escolas diferentes se desentenderam dentro do Parque, por serem de “comunidades rivais”. Um desses grupos chamou “umas pessoas de contexto” para defendê-los. Segundo a diretora, o grupo entrou armado no Parque a procura do outro grupo de alunos, mas a situação não chegou a passar disso. A diretora soube dessa situação através da ronda escolar da Guarda Municipal e ficou preocupada, pois sabe através de outros alunos quando alguém de sua escola também está “matando aula”. A sua preocupação era de que se os alunos de sua escola estivessem por perto “poderia sobrar pra todo mundo”. Ela indagou também qual seria o papel da Guarda Municipal e da administração do Parque que não fazem um controle e “não tomam uma atitude” sobre essa situação, pois permitem que alunos frequentem o Parque uniformizados, sabendo

que estão “matando aula”. Ela entende que nessa situação, o ideal seria que toda criança/jovem vista uniformizada ou em grupos fosse sinalizada para a escola, que tomaria providências em relação ao responsável. A presença da Guarda Municipal criou nesse caso a expectativa de que haja um controle do uso desse espaço, o que está ligado à segurança no Parque, mas também a atitudes convencionalmente tidas como certas e erradas, como “matar aula”.

A expectativa que a diretora da escola tem é que haja no Parque um dispositivo de ordenação e controle, pois se há um muro e regras internas, a Guarda Municipal ou a administração deveriam agir sobre os alunos que vão ao Parque uniformizados em horário de aula. Sua perspectiva não enxerga o Parque como espaço de sociabilidade e lazer para os alunos, mas como espaço de rivalidade com a escola, pois compete para atrair os alunos. Assim, a ocupação desse espaço por parte da escola não é uma questão pra eles, que acreditam que “lugar de aluno é na escola”. As propostas para atividades e performances no Parque surgem mais da professora de teatro e da administração do Parque do que propriamente da direção.

O que observo trabalhando dentro de uma escola é a procura da organização da Arena Fernando Torres e do Parque Madureira para levar os alunos das escolas das redondezas para seus eventos. Assim, tomo conhecimento de muitos eventos que ocorrem durante a semana no Parque por intermédio da escola. Exemplo disso foi o desfile olímpico⁶⁴ organizado pela prefeitura que contou com a presença das escolas da 5ª CRE (bairros: Bento Ribeiro, Irajá, Turiaçu, Vila da Penha, Madureira, Vaz Lobo, Cascadura, Vista Alegre, Colégio, Quintino Bocaiúva, Campinho, Osvaldo Cruz, Vicente de Carvalho, Cavalcante, Honório Gurgel, Marechal Hermes, Rocha Miranda, Vila Kosmos). Cada escola organizou uma apresentação ou foi fantasiada para o desfile. Na saída do grupo de teatro da minha escola para o desfile a diretora reuniu todos e disse o seguinte: “Lá [*cerimônia no Parque Madureira*] é tudo política. Ninguém liga pro povo, então curtam o momento de vocês e saibam que vocês tem o seu valor”. Essa fala demonstra a perspectiva da diretora em relação a esses eventos, que não são voltados para o bem estar dos frequentadores, mas para divulgação de um projeto político do Parque.

⁶⁴ O Parque Madureira será um dos três locais que receberá telões para transmitir os jogos olímpicos.

Considerações Finais | Cidades globais, cidades acolhedoras. Mas para quem?

Atualmente, a cidade do Rio de Janeiro adota o Planejamento Estratégico, modelo utilizado mundialmente pelas cidades que desejam entrar no circuito onde circulam investimentos públicos e projetos culturais, como por exemplo, sediar as Olimpíadas 2016. Para receber as Olimpíadas a cidade tem passado por mudanças estruturais, a fim de equiparar-las as outras cidades globais e tornar-se protagonista no cenário atual, o que implica em uma redefinição simbólica para a cidade, pois transforma espaços periféricos em referenciais.

Pujadas (2005) critica esse modelo de cidade que se diz acolhedora, hospitaleira e cosmopolita, pois na verdade segrega ainda mais os espaços e a população. Isso porque as obras para transformação da cidade não passam por um diálogo entre representantes dos moradores, não atendem e não esclarecem a população sobre sua formulação, configurando um projeto urbanístico e não social⁶⁵.

As operações urbanísticas para transformar a cidade em ícone de hospitalidade e cosmopolitismo são capazes de oferecer toda infraestrutura e equipamentos necessários para todo tipo de empresa que visa investir, todo tipo de evento mundial que se possa receber e todo tipo de pessoa, quer dizer, turistas (op. cit.). Mas ao transformarem a cidade para receber essa nova demanda global, os novos equipamentos urbanos “modificam as referências espaciais e simbólicas da comunidade, geram processos de alteração dos fluxos humanos e mercantis, estreitando e retirando o controle do espaço aos seus antigos moradores” (PUJADAS, 2005:36). Essa *perda de referências* implica na mudança de hábitos trazidos por mudanças arquitetônicas, como por exemplo, na substituição de antigos espaços públicos, que eram pontos de encontro e sociabilidade de rua, por avenidas de rápida circulação.

⁶⁵ Para o autor, as transformações urbanísticas ocorrem em ritmos diferentes na cidade e não alcançam da mesma maneira todos os habitantes nem todas as áreas. Assim, as transformações urbanísticas ocorrem muito mais rapidamente do que as sociais.

Essas transformações na cidade muitas vezes não respeitam a própria necessidade dos bairros, violando direitos de habitação, como ocorre no caso do Parque Madureira, cujo próprio sistema classificatório opera a conversão de cidadãos em usuários, com regras e vigilância. A partir de um fluxo global, aspectos locais foram preteridos. A sociabilidade e os modos de vida da comunidade Vila das Torres, as relações, as hortas e o trabalho gerado, a relação dos moradores com Madureira, não foram levados em consideração pela gestão municipal na construção do Parque.

As “*ciudades acolhedoras*” orientam-se conforme o fluxo do capital e demandas globais e escondem a cidade real cotidiana, mais complexa do que as representações e os equipamentos urbanos construídos nos fazem crer. Especificamente no caso de Barcelona, Pujadas (2005) observa que as iniciativas mencionadas pressupuseram a expulsão de milhares de cidadãos em situações de marginalidade, em contraposição não está claro quais aspectos a totalidade dos cidadãos tira proveito⁶⁶. As “*ciudades acolhedoras*” escondem uma cidade paralela, segregada e segmentada, pois o que as prefeituras realizam são obras pontuais, em sua maioria para embelezamento da cidade.

Somada aos projetos e às tendências globais para planejamento das cidades está a valorização da cultura como chave ideológica para construir posicionamentos a favor de um modelo urbano-econômico-político⁶⁷. Isto é, a cidade se torna um produto lucrativo. As diferenças – num plano global e local – são domesticadas e transformadas numa “fantasia” cosmopolita acoplada a um projeto político. As características “culturais” se globalizam, assim como também recebemos fluxos globais: a constituição desse cenário é fluida e está diretamente ligada à mercantilização da cultura e do território. Isto é, a “cultura” enquanto uma “tradição” pode não ser mais fruto de um processo histórico, mas

⁶⁶ Particularmente a antropologia urbana me possibilita enxergar quais aspectos podem ser usufruídos pelos moradores além do orgulho de pertencer a esta cidade, como por exemplo, com a utilização de espaços de lazer. Não digo que todos os moradores realocados utilizam os espaços construídos nesses locais, nem que a construção desses espaços apague todo o desgaste e toda a insensibilidade de um processo não democrático, contudo, nem todas as ações dos sujeitos se dão num plano político, em alguns momentos nós utilizamos os espaços que nos são proporcionados para sociabilidade (porque não?).

⁶⁷ Se por um lado os protagonistas da cena mundial são as cidades, o lugar em si, levando-nos a esquecer as pessoas, a etnografia valoriza essa perspectiva e descreve como os sujeitos vão agir dentro desse contexto.

de modelos de representações conscientes dentro de uma arena de opções (Appadurai, 1996).

Para Arantes (2000) uma cidade planejada de A a Z nada mais é do que uma cidade *gentrificada*, legitimada pelo “aprimoramento cultural”, movimento que se dá em resposta ao crescimento da máquina urbana. A cultura, assim como o discurso midiático e a construção de equipamentos urbanos são aliados no discurso de integração, pois quando criam-se representações para o bairro e as tipificam como tradicionais e próprias dos cariocas, Madureira passa a pertencer, através da cultura, à cidade do Rio de Janeiro.

Essa mercantilização da cultura se torna uma ferramenta de controle urbano e utiliza a construção do medo enquanto estatização cultural como artifício dessa *gentrificação*. A mídia e outras instituições anunciam a fragilidade e vulnerabilidade a que estamos expostos enaltecendo a ordem e a segurança, itens que passam a ser exigidos pela população. O resgate de uma memória cultural, enquanto produtora de sentido se torna ferramenta administrativa para produção de uma ordem e a segurança se torna uma força civilizatória. A lógica do capitalismo passa a se apropriar dessa nova economia cultural que se torna instrumento de *governabilidade*.

Nas mídias a imagem do Parque é construída e reproduzida como um bem necessário para os moradores da Zona Norte, o que não é totalmente falacioso, pois de fato os usuários percebem o Parque como espaço para o bom convívio e extensão de suas casas. Contudo, não há uma problematização sobre a interferência da guarda municipal no uso desse espaço, muito menos da remoção da comunidade Vila das Torres, entre outras questões como modelos de gestão mais participativos.

A partir da concepção lúdica trazida por Baptista (op. cit.), nota-se uma mercantilização dos territórios e o consumo de signos como o lazer, que juntos, projetam uma perspectiva de apropriação, uso e programação do tempo livre das pessoas. Equipamentos urbanos como o Parque Madureira são concebidos para o divertimento cotidiano, contribuindo para novas formas de relação com os lugares. Assim, o Parque não apenas integra um discurso de planejamento estratégico, como também constitui um equipamento urbano que envolve os cidadãos numa concepção lúdica de cidade. Nesse

sentido, a construção do Parque Madureira pretende a “integração” da cidade planejada através de uma política de ordenamento.

Este trabalho buscou evidenciar as diferentes formas de ressignificar essas regras, muitas vezes de forma inconsciente, dadas pela capacidade criativa e criadora das pessoas de ocuparem os espaços. Desse modo, entender a relação que os diversos grupos estabelecem em Madureira é interessante para pensarmos que muito disso é levado para o Parque, não só pela apropriação de uma “cultura local” por parte da gestão do Parque, mas pelos próprios frequentadores, que também levam seus costumes e constroem nesse ambiente uma relação ambígua entre ações permitidas e não permitidas.

A relação do “tradicional X moderno” é percebida dentro do Parque através de um modelo que pretende a “revitalização” dos espaços a partir de um projeto de cidade. Assim, o Parque traz para Madureira uma nova concepção de lazer na busca por apagar antigos costumes locais, na constituição de processos civilizatórios. Contudo, convivem perspectivas distintas, como uma tentativa de reafirmar aspectos que representam a “cultura do bairro”, através da memória e do imaginário das pessoas, como o samba e o charme. Logo, o que é moderno se mistura com o antigo; enquanto alguns aspectos são esquecidos, novos são criados. Unidos a essa mistura, estão os “usuários”, atravessados pelas influências dos meios de comunicação, que não apenas reforçam os benefícios do Parque, mas equiparam essas mudanças a outras cidades globais, como referências a serem seguidas.

O modelo estratégico traz uma estrutura e uma linguagem própria para se viver. Se por um lado há quem defenda a morte da cidade pela restrição que esse modelo traz, por outro lado, a possibilidade de escolha que cada um de nós possui demonstra como apesar da opressão dessa tendência mundial na estrutura das cidades que competem por investimentos e para isso criam todos os equipamentos necessários (na verdade a implantação desse modelo nas cidades é bem mais sutil, pois constrói na população um consenso de necessidade e aceitação desse modelo), e desse modelo mascarar as diferenças sociais do Rio de Janeiro; ainda assim, as pessoas ocupam, as pessoas querem, as pessoas resistem e, às vezes, conseguem vitórias.

Explicar um lugar ou tentar entender o estilo de vida das pessoas desse lugar não pode se dar apenas pela reprodução de suas representações, mas pela prática que dela escapa e ressignifica. As *táticas* que ultrapassam as *estratégias* construídas no Parque para sua utilização indicam as possibilidades de usos que criativamente são tecidas no cotidiano desses usuários.

Para os moradores de Madureira e dos bairros adjacentes a construção do Parque trouxe novas possibilidades, e isso não significa a extinção de antigos hábitos. Dentro de um só espaço, cercado por uma grade e vigiado por guardas, os usuários podem escolher a cada dia, cada hora, o que desejam fazer. Podem se programar para uma festa, podem praticar um esporte, podem ocupar bancos e jogar cartas, tomar uma bebida enquanto escutam música ao vivo nos quiosques, podem levar suas cadeiras de praia e seus isopores para passarem a tarde na companhia de seus amigos enquanto jogam conversa fora, podem fazer aulas de graça, participar de feiras. Eles não podem uma série de outras coisas e nem por isso deixam de ressignificar esse espaço. As ações reprimidas e proibidas no Parque algumas vezes são discutidas com a administração, outras vezes são apenas ignoradas. Ao resistirem e transgredirem as regras, estas podem ser apropriadas pelo Parque que modificam suas *estratégias*; ou podem ser constantemente repreendidos.

Os patinadores que conseguiram através de suas apropriações oficializar a ambivalência de um espaço; ou os usuários da pista de skate que solicitaram através de um documento o uso de bikes na pista de skate; ou as crianças que não conseguiram mergulhar no lago tem em comum a vontade de ocupar um espaço ordenado e vigiado que em alguns momentos permite essa fluidez nas regras e em outros momentos não.

Na direção oposta a essa ocupação, estão os moradores e ex-moradores da Vila das Torres. Aqueles que depois de anos envolvidos com as práticas da comunidade e do bairro, tiveram que recriar novas práticas em um novo espaço, assim como os moradores que permaneceram na comunidade também tiveram que recriá-las, numa postura muito marcada para fora do Parque.

Essa etnografia propôs a observação nem tão de perto/dentro e nem tão de longe/fora que não percebamos a necessidade crescente de ocupar as ruas, praças e parques (lugares públicos), mas que ainda possamos enxergar a vida nas grandes cidades,

através da prática cotidiana dos cidadãos. É preciso avaliar criticamente a implantação de modelos desse tipo, mas é também importante e prazeroso observar as manobras possíveis para (re)conquistar a cidade.

Referência Bibliográfica

ABREU, Mauricio de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Ed. Teorema: Lisboa, 1996.

ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal: A cultura nas novas gestões urbanas. In: *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BAPTISTA, Luís Vicente. Territórios lúdicos (e o que torna lúdico um território): Ensaio um ponto de partida. *Fórum Sociológico* N.º 13/14, 2005.

BARTH, Fredrik. Análise da cultura nas sociedades complexas. In: *O guru e o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BARRETO, Alessandra. Entre a política e a cultura: associativismo imigrante em Portugal. In: Andres Malamud e Fernando Carrillo. (Org.). *Migrações, Coesão Social e Governança*. Perspectivas Euro-Latino-Americanas. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011.

BÓGUS, Lucia Maria Machado. Segregações Urbanas In: *Plural de Cidade: novos léxicos urbanos*. Biblioteca Nacional de Portugal, Almedina: 2009.

CEDEÑO, M.C. Usos y prácticas sociales en un parque público. El caso del parque Metropolitano Les Planes de L'Hospitalet de Llobregat – Barcelona. *Zainak*. 23, 2003, 545-566.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CORDEIRO, Graça Índias. As cidades fazem-se por dentro: desafios de etnografia urbana. *Cidades- Comunidades e Territórios* Dez. 2010, n.0 20/21, pp. 111-121.

CORDEIRO, Graça Índias e COSTA, António F. Bairros: contexto e intersecção. In: *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Zahar, Rio de Janeiro, 1999.

DEBORD, Guy (1997 [1967]). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

DELGADO M. Patrícia. *A “pista” e o “camelódromo”*: camelôs no centro do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado defendida pelo PPGAS/ Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2004.

DE TOMMASI, Livia. *Nem bandidos, nem trabalhadores baratos: Trajetória de jovens da periferia de Natal*. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. – Vol.5-nº1. Jan/Fev/Mar 2012- p.101-129.

DORE, Mayane Pereira. *Fazer-se bairro, fazer-se artista: práticas e representações de artistas-moradores no Morro da Conceição*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2016

DOSSIÊ DO COMITÊ POPULAR DA COPA E OLIMPÍADAS DO RIO JANEIRO. *Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro*. Junho de 2014.

ELIAS. Norbert. *O Processo Civilizador 1: Uma história dos costumes*. Zahar, 1990.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O rapto ideológico da categoria subúrbio Rio de Janeiro 1858/1945*. Editora Apicuri: Rio de Janeiro, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. São Paulo, SP. Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão* 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FORN I FOXÀ, M. D. *Barcelona: estratégias de transformación urbana y economica*. Barcelona. 1993.

FORTUNA, Carlos. Cidade e urbanidade In: *Plural de Cidade: novos léxicos urbanos*. Biblioteca Nacional de Portugal, Almedina: 2009.

FREHSE, Fraya. Erving Goffman, sociólogo do espaço. *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS* - VOL. 23 No. 68 outubro/2008.

FREIRE, Libny. *Baile Charme: O Entretenimento como Produtor de Sentidos*. Foz do Iguaçu: INTERCOM, 2014.

FRÚGOLI JR., Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

HEILBORN, Maria Luiza. *Conversa de portão: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1984.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1997.

LACARRIEU, Mónica. Ciudades Contemporáneas: tensiones entre microterritorialidades y lugares negociados y/o disputados em contextos de “inter-territorialización”. *CIDADES: Revista científica / Grupo de Estudos Urbanos* – Vol.10, n.17, 2013– Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

PIRES, Lenin. (2005). *Esculhamba, mas não esculacha!. Um relato sobre os usos dos trens urbanos da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, enfatizando as práticas de comerciantes ambulantes e conflitos existentes entre estes e outros atores, naquele espaço social*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, RJ: Niterói.

MACEDO, S. S. Parques Urbanos no Brasil = Brazilian Urban Parks / Silvio Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata – 2.ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial da Universidade de São Paulo, 2003 – [Coleção Quapá].

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARTINS, João. Urbanizando pelo lazer: o caso do Algarve. *Fórum Sociológico* Nº 21, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – Vol. 17 Nº49 junho/2002.

MAIA, João; CHAO, Adelaide. *Madureira e Pelourinho: consumo e representação de comidas típicas em festas populares*. COMUNICOM, São Paulo, 2014.

MELLO, Marco Antonio da Silva, VOGEL, Arno. Sistemas Construídos e Memória Social: Uma Arqueologia Urbana? In: *Revista de Arqueologia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, v.2, n.2, jul/dez.1984, p.46-50.

MENDONÇA, Luciana. Sonoridades e cidade In: *Plural de Cidade: novos léxicos urbanos*. Biblioteca Nacional de Portugal, Almedina: 2009.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. *ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA*, UERJ, RJ, v.7, n.2, p.296-306, ago.2007.

MEZABARBA, Solange Riva. *Vestuário e cidades: ethos, consumo e apresentação de si no Rio de Janeiro e São Paulo*. Tese de Doutorado em Antropologia. Rio de Janeiro: PPGA/UFF, 2012.

NETO, Nécio Turra. Microterritorialidades nas cidades: uma introdução à temática. *CIDADES: Revista científica / Grupo de Estudos Urbanos* – Vol.10, n.17, 2013–Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2013.

NOVAIS, Pedro. *Uma estratégia chamada “planejamento estratégico”*: deslocamentos espaciais e atribuição de sentidos na teoria do planejamento urbano. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

O'DONNELL, Julia. Nadie es como nosotros: identidades y territorialidades em la invención de Copacabana. *Bifurcaciones* Nº17, 2014.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Revista Antropológica*. Niterói, n. 25, p. 99-111, 2. sem. 2008 [1982].

PUJADAS, Joan J. Cidades acolhedoras? Transformações urbanas, imaginários e actores sociais. *FORUM SOCIOLOGICO*, nº 1314 (2ª série), 2005, pp.31-46.

RABOSSI, Fernando. (2004). *Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira*. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Ana Paula Pereira da Gama Alves. *Samba são pés que passam fecundando o chão... Madureira: sociabilidade e conflito em um subúrbio musical*. Rio de Janeiro, UERJ, 2003.

SÁNCHEZ, Fernanda. Cultura e renovação urbana: a cidade-mercadoria no espaço global. Evelyn Furquin Werneck Lima e Miria Roseira Maleque (org.) *Espaço e cidade: conceitos e leituras*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

SANTOS, A.B. *Entre a praça do pacificador e centro cultural Oscar Niemeyer: usos e desusos de um espaço urbano*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Studio Nobel, 1985.

SCALISE, W. Parques Urbanos - evolução, projeto, funções e uso. *Revista Assentamentos Humanos*, Marília, v4, n. 1, p17-24, 2002.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOARES, Luiz André Gazir Martins. *Entre a casa e a rua: cultura, espaço e consumo nos shopping centers*. Rio de Janeiro: COPPEAD/UFRJ, 2000.

SOUSA, Monica C.P.. Pode o subúrbio falar? A dislexia discursiva como estratégia de silenciamento e enquadramento das vozes. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2015.

VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano In: *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VAINER, Carlos B. Cidade de Exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro. *Anais: encontro nacional da ANPUR*. Vol. 14. Rio de Janeiro, 2011.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Édson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Org. Hermano Viana, Karina Kuschnir, Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VOGEL, Arno e MELLO, Marco Antonio da Silva. *Lições da rua (ou quando a rua vira casa): algumas considerações sobre habito e diligo no meio urbano*. LeMetro, 1985.

WACQUANT, Luïc. *A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada*. [artigo adaptado do capítulo 8 In: *Parias urbains. Ghetto, banlieues, européenne*, Paris: La Découverte, 2006.]

BERTHONE, Rodrigo. Artistas mudam paisagem do Parque Madureira: Membros do GaleRio coloriram 480 metros quadrados de muros. *O Globo*, 30/10/2015.

CARVALHO, Janaína. Skatistas dizem que agressões são freqüentes em pista de Madureira: Prefeito do Rio pediu a demissão de guarda municipal. Vídeo mostra rapaz sendo agredido após manobra. *Portal G1*, 26/07/2012.

ROBBINS, Sarah. Chacina de Costa Barros: “Não deve haver zonas nem limites para direitos humanos”. *BBC Brasil no Rio de Janeiro*, 05/12/2015.

SALLES, Stefano. Parque estimula vocação de Madureira para o desenvolvimento sustentável: Ampliação vai transformar o local na segunda maior área de lazer da cidade, atrás apenas do Aterro do Flamengo. *O Globo*, 17/06/2016.

TITITI, Juninho. Projeto Criolice sacode Parque Madureira com muito samba de raiz no domingo dia 20 de março. *Blog Manchete na Folia*, 14/03/2016.

VASCONCELLOS, Fábio e SCHMIDT, Selma. O Parque que trouxe diversão para novos negócios. *O Globo*, 21/out.

Jornal O Extra, 15/10/2015. Paes inaugura praia no Parque Madureira.

O Globo, 01/03/2015. Do Flamengo a Madureira: Histórias do parque que foi símbolo do Quarto Centenário e projetos para a maior área de lazer da Zona Norte.

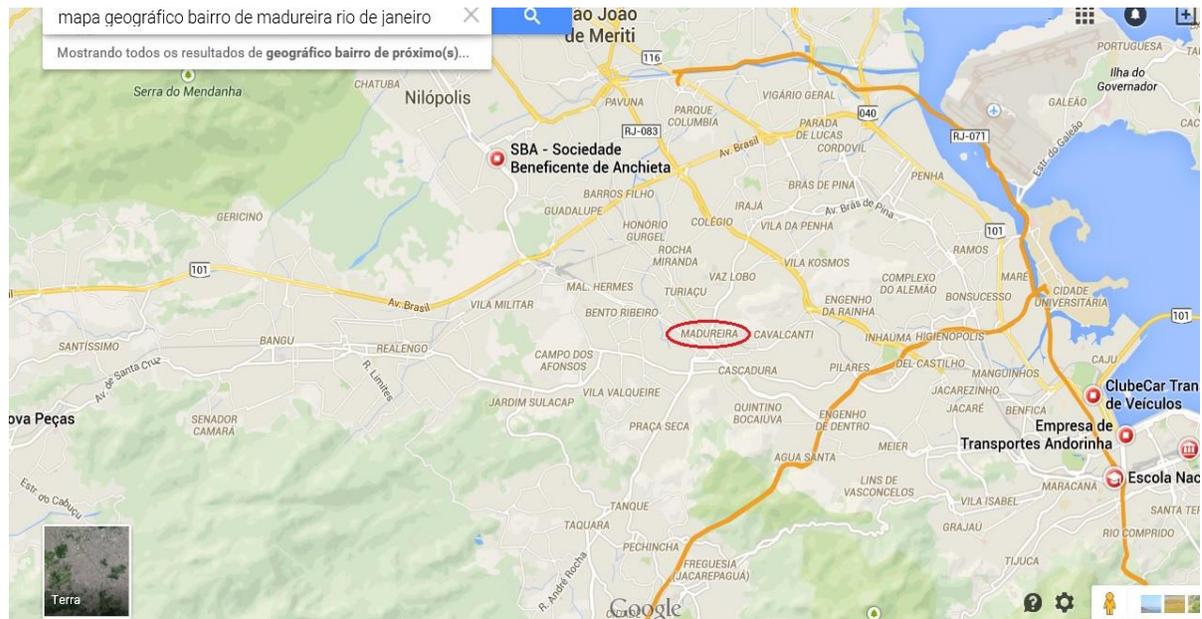
Portal G1, 23/06/2012. Com projeto sustentável, Parque de Madureira é inaugurado neste sábado: Parque passa a ser a terceira maior área verde da cidade do Rio. Projeto inclui reaproveitamento da água e economia de energia elétrica.

Anexos

Anexo 1 – Certificado de “carioquice”



Anexo 2 – Mapa geográfico



Anexo 3 - Subúrbio



Fotos

Foto 1 – Quadra da Escola de Samba Império Serrano



Foto 2 – O Parque Madureira visto do alto



Foto 3 – Um casa desabou e outras duas demolidas (comunidade Vila das Torres)



Foto 4 – Entrada do Parque Madureira ao lado do recém-construído edifício “Parque Madureira”, um dos dois edifícios construídos após a construção do Parque.

